

*"No universo, existe uma lei chamada Lei da
Harmonia, que determina cada movimento de
tudo o que existe."*

O FIM DA HUMANIDADE

CAETANO ZAGANINI
2026

O FIM DA HUMANIDADE

Caetano Zaganini
2026

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meios existentes sem a autorização expressa e por escrito do autor.

Capa
Wilson Ap Paschoal

Autor: Caetano Zaganini
e-mail: caetanozaganini@hotmail.com
Site: adinamicadouniverso.com.br

DEDICAÇÃO

Esta obra é dedicada àqueles que desejam estudar e compreender o desenvolvimento da vida, proveniente do Criador de tudo o que existe. Aqui, a intenção é apresentar esta história como uma fonte de inspiração na construção do caminho que tudo no universo segue, sem exceções. Desde os mecanismos que promovem o aperfeiçoamento até a capacidade do ser humano de entender o funcionamento das ferramentas disponíveis a cada indivíduo para que esse processo ocorra.

No universo, existe uma lei chamada Lei da Harmonia, que determina cada movimento de tudo o que existe. Essa lei é o caminho que todos devem trilhar, independentemente do reino ao qual pertencem. Todas as individualidades, mineral, vegetal e animal, são criadas para se aperfeiçoar e, ao final desse processo, integrar-se ao Criador, contribuindo para a sua expansão.

Bela Vista do Paraíso, 10 de fevereiro de 2026

O autor.

DEDICAÇÕES ESPECIAIS

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha companheira Marilda pela paciência e dedicação, sempre ao meu lado, incentivando-me e ajudando nos estudos para uma verdadeira compreensão das informações, que se transformam em escritos e que chegam até mim através de um ser especial que me assiste neste trabalho.

Aos meus filhos, Adriana, Caetano e Geralda, pelo incentivo constante, que me motiva a estar cada vez mais atento aos fatos que acontecem, levando-me a alcançar o objetivo deste trabalho. Aos meus genros Wilson, Ricardo e minha nora Cristiane, por estarem sempre dispostos a ouvir meus comentários e apoiar esta realização.

Aos meus netos, Rafael, Luiz Caetano e Matheus, e às minhas bisnetas, Elis e Emily, está ainda no ventre materno, em período de gestação à época da escrita e do desenvolvimento deste livro, testemunhos vivos de que o Universo se encontra em contínuo movimento, em permanente processo de evolução e aperfeiçoamento.

Que a Força Cósmica Universal esteja apoiando e orientando cada um de nós com sua sabedoria, para que todos sigam seus caminhos dentro daquilo que lhes foi preparado.

Por fim, à Noales, que me incentivou e forneceu subsídios essenciais para a concretização deste projeto.

Bela Vista do Paraíso, 10 de fevereiro de 2026

O autor

PREFACIO

Apocalipse, o fim dos tempos, transição planetária, o término de uma era, entre outros conceitos, nos leva a buscar informações sobre o tema. Esse assunto permeia constantemente os noticiários e, em algumas ocasiões, é abordado em estudos de grandes cientistas que tentam esclarecer a opinião pública a respeito. Neste contexto, propomos alguns questionamentos para que cada um possa formar sua própria ideia sobre o fim dos tempos: como isso irá ocorrer, quem são os envolvidos

e de que forma se dará, além de qual será o tempo desse processo.

Bela Vista do Paraíso, 10 de fevereiro de 2026

O autor

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I.....	16
A ORIGEM. “O ÚLTIMO PÔR DO SOL.....	16
CAPÍTULO II	36
UM PLANETA EM REGENERAÇÃO.....	36
CAPÍTULO III.....	48
UMA AVENTURA NO PLANETA	
RECONSTRUIDO	48

SEGUNDA PARTE

UM PLANEJAMENTO NECESSÁRIO	92
----------------------------------	----

PRIMEIRA

PARTE

CAPÍTULO I

A ORIGEM. “O ÚLTIMO PÔR DO SOL”

Uma vida agitada marcava o início de algo novo na vida de Cao e Cala, um casal que há muito tempo consagrava suas vidas um ao outro. Esse intenso amor os tornava detentores de uma paixão tão profunda que os fazia ser vistos como os deuses do amor. Essa paixão os mantinha distantes da realidade, pois estavam destinados um ao outro.

Naquela tarde do ano 7025, na cidade de Buntoá, no planeta Autrovero, iniciava a maior das viagens que aquele casal enfrentaria em breve.

Nesse longínquo planeta, a história teve um início semelhante a criação de tantos outros planetas. Um Criador formou seres dotados de vida instintiva, com a finalidade de evoluírem e servirem de suporte a seres ignorantes, mas dotados de livre arbítrio, para que pudessem se conduzir em uma evolução que os

levaria a contribuir para o nobre trabalho de harmonização de toda a sua grandiosa criação.

Ele quis que esses novos seres aprendessem tudo o que precisavam por meio das experiências adquiridas em suas ações, para que se aperfeiçoassem e, sempre que fosse necessário orientar outros, soubessem, por vivência, qual seria o melhor caminho a seguir.

Assim como a história se repete em todos os cantos do universo, também ali ocorreram previsões. No entanto, os povos daquele lugar possuíam um grau de altivez um pouco maior, e seu conhecimento intelectual havia avançado consideravelmente, o que lhes proporcionou a desconsiderar tais previsões. Ainda assim, a maldade predominava entre eles, e isso os levou a seguir pelo caminho da desarmonia.

Há 57 anos, antes daquela trágica tarde, um casal considerado o mais perfeito do planeta, movido por um intenso orgulho, buscou uma maneira de deixar essa sua soberba impressa para sempre. Desejando divulgar seu poder de deter o amor mais perfeito, resultado de uma união entre duas pessoas, procuraram um grupo de especialistas, detentores de grande poder e avançada capacidade científica na época, com o objetivo de concretizar seu desejo de mostrar ao mundo sua soberania na reprodução.

Naquele momento, esses cientistas estavam se preparando para realizar o plano mais ambicioso de sua carreira, que representaria a mais recente conquista na medicina.

O casal foi selecionado para participar do experimento mais aguardado: a concepção de duas pessoas especialmente modificadas, tanto física quanto mentalmente, diferentes de tudo o que havia sido alcançado por meios naturais. Essa concepção seria realizada com células do próprio casal, geradas em aparelhos que não estabeleceriam qualquer vínculo com os doadores do material celular.

Os novos seres, um homem e uma mulher, foram meticulosamente planejados, desde a cor dos olhos até a capacidade intelectual de raciocínio. Esse experimento apresentava uma completa manipulabilidade genética, que definiria as características desses novos indivíduos.

Esses seres, formados por meio de manipulação genética, foram desenvolvidos dentro de um laboratório. Seu desenvolvimento ocorreu exclusivamente nesse ambiente, sem qualquer contato externo, a não ser com seus próprios criadores e através de máquinas sofisticadas responsáveis pela manipulação. Eles não tiveram contato com nenhum outro ser, e o que lhes foi

ensinado foi apenas aquilo que seus criadores desejaram que soubessem. Permaneceram completamente isolados de tudo o que existia ao seu redor.

Esses seres, criados por meio de manipulações genéticas, estavam completamente isolados de qualquer influência externa ao laboratório. Seus criadores os consideravam seres desprovidos de sentimentos e, após as manipulações, fizeram com que seus cérebros apenas soubessem raciocinar com base nos ensinamentos pré-programados. Por essa razão, seus criadores se julgavam proprietários de suas existências.

Como em muitas épocas, o ser humano se via como superior a tudo, cético em relação à possibilidade de que sua criação fosse resultado da permissão de algo maior. Eles ignoravam a ideia de que, embora tivessem a capacidade de manipular os genes, não detinham o controle total sobre as fases de evolução de cada planeta e de seus habitantes.

Eles não percebiam a existência de algo além do corpo físico, ignorando completamente a necessidade de uma entidade superior para que esse corpo fosse animado. Ou seja, acreditavam que essa animação não vinha de uma força superior a tudo, capaz de dar vida ao que imaginavam existir apenas

por meio do funcionamento dos órgãos do objeto criado por eles, ou seja, de um ser humano, e não apenas de um autômato. Essa força superior, que nada mais é do que uma centelha do poder do Criador universal, é a causa da animação do ser por eles construído.

Nesta ocasião, é importante esclarecer que esses cientistas apenas buscavam compreender tudo o que fosse possível dentro do âmbito da ciência, sem dar atenção aos sinais que surgiam por meio de seres espirituais, os quais tentavam orientá-los. No entanto, eles não valorizavam ou levavam em consideração o significado desses sinais provenientes do mundo espiritual.

Após a geração dos novos rebentos, o orgulho que os doadores do material genético sentiam ao compartilhá-los com outros cientistas e cuidadores tomaram conta de seus espíritos, o que os tornaram as pessoas mais procuradas na ocasião. A mídia os exaltou com reverências. Esqueceram-se de que faziam parte apenas de uma experiência que, bem conduzida, poderia resultar em frutos benéficos para contribuir com o desenvolvimento de formas para ajudar outros seres humanos a solucionarem muitos dos problemas relacionados aos corpos físicos, que até então apresentavam muitas limitações. No entanto, a ambição exacerbada os levou a acreditar

que, ao se considerarem capazes de “criar a vida”, também tinham o direito de impor condições cruéis aos seus novos descendentes, manipulando seus corpos como se fossem seus donos. Passaram eles e os cientistas, a considerá-los como seres autômatos, desprovidos de sentimentos, pois haviam sido criados pelas suas mãos.

O casal que decidiu doar seu material genético o fez com a intenção de ser exaltado como formador de uma nova raça de seres, desejando também atuar como seus orientadores para que esses cumprissem apenas suas vontades. Essa ação resultou em uma grande conquista perante a sociedade, que ansiava por ver o ser humano capaz de manipular vidas a seu bel-prazer, desafiando a existência de um Criador, que tudo organiza e estabelece o curso do desenvolvimento de Sua criação, de modo que ninguém possa ir contra Sua lei maior, que é a lei da harmonia.

Assim os cientistas agora sós, partiram em busca de uma conquista maior, decididos a conduzir o destino dos novos seres. Desta forma, ao se julgarem “criadores da vida”, passaram a acreditar que também poderiam extingui-la a seu bel-prazer. Os cientistas "pais" começaram a manipular as duas crianças recém-formadas, submetendo-as a experiências das mais diversas e hediondas, como se

elas não tivessem sentimentos uma vez que as consideravam autômatos.

Este grupo de cientistas, ao se considerarem superiores a tudo e a todos, inclusive ao próprio Criador a quem negavam, e ao dar continuidade aos seus trabalhos científicos, acabaram gerando aberrações genéticas indescritíveis nos novos seres criados. Um mar de lágrimas passou a invadir todos os recantos do planeta. O sofrimento dos poucos que acreditavam na superioridade de um Deus tornou-se ainda mais evidente, e a ansiedade pela possibilidade de um fim para aqueles tormentos era constante. Seus pedidos eram para que os dias finais se abreviassem, na esperança de aliviar o sofrimento. No entanto, uma última tormenta estava por vir, ainda mais intensa, manifestando-se por meio de horríveis experimentos humanos. Desses experimentos surgiu uma nova droga, agora relacionada à genética, que prometia êxtases eternos. Contudo, o efeito esperado não se concretizou, resultando em um problema ainda mais grave para aquela população.

A nova droga, agora inserida geneticamente em muitos seres, fazia com que seus usuários se desesperassem cada vez mais, pois seu efeito era irreversível e afetava profundamente o humor das pessoas provocando desespero e agressividade. O desespero era tão intenso que elas desejavam a morte,

mas não conseguiam alcançá-la, uma vez que sua nova estrutura, concebida para uma durabilidade prolongada, impedia essa possibilidade. O sofrimento era tão grande que até mesmo os escolhidos padeciam intensamente por causa do transtorno ocasionado aos demais e suplicavam pela abreviação daqueles dias.

Ao mesmo tempo, o planeta convulsionava, pois, seus habitantes o haviam destruído por meio de suas modificações estruturais. Sua atmosfera, agora quase inteiramente artificial e produzida dentro de suas próprias casas, já não continha o ar puro, que há muito havia desaparecido. A natureza, completamente devastada em nome de experimentos destinados a melhorar as condições humanas, gerava um sentimento de desalento duradouro. O sol irradiava sua luz diretamente sobre os corpos desprotegidos de seus habitantes, aquecendo-os como se estivessem em chamas. Feridas profundas surgiam nos menos afortunados, uma vez que as desigualdades entre os membros do planeta eram extremamente evidentes.

Enquanto alguns residiam em palácios suntuosos, outros se viam ao relento, sem sequer uma sombra de árvore para se proteger, pois estas já haviam desaparecido; quando ainda estavam presentes, localizavam-se apenas nos domínios dos

mais abastados. A diferença social era gritante: existiam apenas duas classes sociais, os privilegiados e os famintos, que se assemelhavam a lixo jogado ao léu, como se não fossem seres humanos ou não possuíssem qualquer sentimento.

Do nascimento daqueles primeiros seres geneticamente modificados, passaram-se 57 anos. Cinquenta e sete anos de sofrimento para os habitantes, assim como para os próprios seres modificados que amargaram em seus corações os efeitos da imprudência e do mal gerado pelo orgulho desmedido de um casal através de cientistas ávidos por demonstrar sua capacidade criativa. Essa busca desenfreada resultou no maior transtorno possível entre os membros daquela humanidade.

Esquecendo-se de que sempre pode haver alguém com conhecimentos superiores aos seus, passaram boa parte de suas vidas amargando o triste fim que impuseram a milhares de pessoas, com o intuito de colocar em prática suas novas descobertas. Agora, tarde demais, puderam perceber o tremendo erro que cometeram contra seus semelhantes, e não houve tempo suficiente para resgatá-los.

Para a construção do casal humano por meio da modificação genética, a providência divina permitiu que dois espíritos habitassem esses corpos.

Após um determinado tempo, o casal conseguiu se libertar do domínio de seus criadores. Diante dessa grande novidade, os criadores se expuseram ao público e, dominados pelo egoísmo, não souberam aproveitar a oportunidade de ajudar a humanidade a encontrar as soluções necessárias, devido ao grande descontrole de sua agricultura, que gerou uma imensa poluição afetando todas as plantas e, conseqüentemente, provocando fenômenos que deterioravam os corpos dos habitantes daquele planeta.

Tanto o casal quanto os cientistas e seus seguidores não conseguiram sufocar o orgulho que os consumia, pois isso os impedia de participar do início da nova fase do planeta, que surgiria em breve. Assim, foram orientados pela providência divina para dar continuidade ao seu aprendizado nos primórdios da nova humanidade, que se desenvolvia em outro astro. Para lá seriam enviados, começando pelo uso dos corpos já existentes, os quais abrigavam as individualidades que, recém, haviam adquirido o livre-arbítrio. A nova fase do planeta, na qual realizavam seu atual aprendizado evolutivo, já estava surgindo, e o tempo de existência da primeira fase estava chegando ao fim. Não havia mais esperança para eles de purgar tanta maldade que haviam

cometido contra seus próprios companheiros de caminhada evolutiva.

Após algum tempo em que o planeta convulsionava devido às mazelas causadas por seus habitantes, o dia finalmente chegou. O céu escureceu, e as potestades divinas se fizeram presentes. Tudo se transformava, e uma multidão de seres, revestidos de uma matéria até então desconhecida, passou a integrar um vasto espaço onde todos eram reunidos e conduzidos para enormes máquinas voadoras. Essas máquinas, que se assemelhavam a palácios, eram repletas de luz, e uma grande tranquilidade envolvia aqueles que nelas entravam. Muitos seres orientavam os que eram recolhidos, demonstrando grande afeição por aqueles que ali eram conduzidos, o que gerava uma imensa paz em todos aqueles que se dirigiam para aquele lugar.

Não havia chefes, apenas seres que orientavam e consolavam aqueles que se encontravam amedrontados. Agora, todos eram capazes de caminhar rapidamente, movendo-se como se seus pés não tocassem o chão, como em um devaneio. Era algo extraordinário, uma experiência jamais vivida ao longo de toda uma vida no planeta. A luz não proveniente do sol, mas das grandes máquinas; não estava restrita a um único lugar, mas

emanava de todas as direções, em uma harmonia nunca antes vista.

Nos grandes locais, havia muitas pessoas diferentes, mas que pareciam já ter se encontrado. Ninguém era estranho; alguns apenas emanavam uma luz mais intensa, uma luz que irradiavam por todo o corpo. Quanto maior a luz que possuíam, maior era a sensação de paz que experimentavam.

Dentro daquelas enormes naves, que mais pareciam esplendorosos locais de serenidade, ninguém sentia qualquer mal-estar. Lá, havia seres capazes de transmitir o que estava acontecendo. Eles falavam sobre os terríveis abalos aos quais o planeta estava sendo submetido e, por isso, foram recolhidos para aquele lugar.

Os seres que já se encontravam no lugar eram os que descreviam os acontecimentos e davam notícias de como retornariam a habitar a nova terra, quando esta estivesse completamente purificada de todo mal. Eles afirmavam que essa nova terra seria um paraíso, onde poucos dos antigos habitantes ainda estariam presentes. Essa nova terra seria extremamente sutil, e nenhum ser que não tivesse se purificado, ou seja, que não tivesse perdido a densidade relacionada à matéria que liga o espírito ao

corpo físico, poderia se sustentar no planeta renovado.

Há uma comparação que pode servir de exemplo: atira-se uma pedra a uma nuvem, e a pedra não fica sobre ela, pois as densidades são diferentes. Da mesma forma, a maioria dos habitantes do antigo planeta não poderia permanecer nele, que, agora purificado, tornara-se sutil, quase uma nuvem, incapaz de sustentar seres com densidade elevada. Portanto, aqueles que se encontrassem em tal condição deveriam ser transportados para outro planeta cuja densidade fosse compatível com a deles.

Quando os primeiros abalos ocorreram no planeta, houve muito desespero, e algumas pessoas tentaram explicar aos demais que aquilo deveria acontecer conforme os antigos videntes previam há milênios. Muitos duvidavam, outros tentavam não dar importância à situação, e diversos cientistas se enfrentavam na busca por meios de proteger a humanidade.

Os sinais no céu eram visíveis, mas nem todos acreditavam no que estava acontecendo. Havia uma grande aglomeração de pessoas que possuíam o maior conhecimento sobre a evolução do homem, porém, elas relutavam em aceitar a possibilidade de uma tragédia semelhante à que estava ocorrendo.

Muitos se revoltavam contra os mestres, que não os haviam orientado, pois acreditavam na existência de uma nova terra e que a alcançariam livre de dores.

Uma das explicações apresentadas referia-se ao fato de que o parto, como os humanos o conheciam, fazia parte de toda a evolução do universo. Cada novo parto representava uma nova fase, e isso acontecia tanto com os seres humanos quanto com os planetas. O parto é um processo doloroso, mas dele surge uma nova vida; da mesma forma, após a purificação da Terra, surgiria um novo planeta, mais sutil e mais adequado para suportar aqueles que nela pudessem permanecer.

Uma enorme quantidade de naves pairava ao longe do planeta, cujo interior abrigava a maior parte de seus habitantes. Muitos estavam angustiados, pois não conseguiam localizar seus parentes, filhos, amigos ou até mesmo seus inimigos se encontravam ocultos.

Nessas naves, havia seres de muita luz que buscavam orientar os que ali se encontravam quanto ao destino que lhes era reservado. Eles falavam sobre a necessidade de habitar novos astros, pois aquele de onde provinham passaria por uma transformação, tornando inviável a permanência deles ali. Isso porque ainda carregavam muita matéria densa, e a

mudança não permitia a presença de substâncias mais pesadas em suas superfícies.

Explicavam que seriam expulsos daquele lugar porque não conseguiram eliminar o material mais denso, que fazia parte de sua composição individual. Eles deveriam migrar para um novo astro com o objetivo de se livrar dessa densidade. Assim, poderiam habitar a nova Terra, que surgiria em breve nesse novo planeta. O medo era muito intenso; o terror de ter que habitar um novo astro confiscava a tranquilidade de todos, e o choro e as lamentações eram constantes.

Seres imponentes esforçavam-se para manter a ordem dentro das naves, garantindo que todos ouvissem a voz daqueles que davam as instruções para iniciar o novo trabalho em um planeta onde seriam designados. Assim, eles realizariam o aprendizado necessário para evoluir e reduzir a densidade de sua matéria, condição essencial para permanecer no planeta quando este passasse para uma nova fase de evolução.

Estes novos planetas, para os quais a maioria dos habitantes foi levada por não terem adquirido a evolução adequada para passar à nova fase e continuar seu aprendizado, encontravam-se em níveis mais baixos e diferentes em relação ao planeta

de origem. Diante dessas condições, os reentrantes iniciariam seu processo de aprendizado em um local onde os habitantes já existentes estavam em um estágio de desenvolvimento bastante distinto daquele em que os que haviam saído se encontravam.

As individualidades recolhidas por essas naves eram selecionadas de acordo com a evolução de cada uma delas. Dessa forma, seriam distribuídas nos planetas que melhor atendessem às necessidades de cada uma, as quais estavam relacionadas ao seu desenvolvimento evolutivo espiritual, sem levar em consideração o progresso intelectual.

O desenvolvimento físico e intelectual dos nativos de alguns planetas era significativamente inferior ao dos recém-chegados. Nesses novos planetas, os recém-chegados iniciariam seu processo de aprendizado evolutivo utilizando os corpos físicos disponíveis, os quais eram utilizados pelos habitantes primitivos do planeta. Essa fase de adaptação ocorreria de acordo com as possibilidades oferecidas pelo ambiente. Sabemos que o espírito da maioria desses recém-chegados já possuía um desenvolvimento intelectual superior; contudo, ao começarem a usar esses novos corpos físicos, esse conhecimento permanecia restrito ao espírito e, durante o período de aprendizado nesses corpos, permanecia oculto.

Como os novos habitantes foram distribuídos em planetas adequados à evolução de cada um, eles, recém-chegados, passaram a agir de acordo com os demais moradores da nova terra, uma vez que tudo o que era feito contribuía para a formação de um novo conceito de vivência. Assim, iam se habituando aos novos comportamentos, os quais promoviam o aprendizado do conceito de vida naquele local. Como é sabido, tudo o que acontece quando os espíritos se vestem do corpo físico constitui um novo conceito de vida; isso, por sua vez, determina o comportamento de cada um. Dessa forma, a construção da vida societária estabelece-se com o objetivo de se aperfeiçoar continuamente, de acordo com as necessidades recorrentes.

Este planeta, que passou para a segunda fase de evolução, tinha o nome de Autrovero. A história começa em um novo planeta chamado Gorfiani, também devastado por seus habitantes. No entanto, devido ao pouco tempo de existência, ele foi recomposto, permitindo o desenvolvimento dos três reinos que iniciam a formação dos planetas. A narrativa tem como objetivo descrever alguns dos passos dados pelo casal denominado Cao e Cala, autores da experiência genética efetuada no planeta de origem. Esses dois foram os protagonistas da experiência conduzida pelos cientistas daquele orbe.

Este casal foi responsável por permitir que cientistas realizassem experiências que levaram o planeta chamado Autrovero a um estado inadmissível perante a lei da harmonia. Como consequência, o planeta foi completamente devastado e totalmente tornado inerte, a ponto de, naquele momento, não haver mais possibilidade de existência de vida física em sua crosta.

Alguns poucos habitantes do planeta que alcançaram a evolução necessária permanecem residindo nele, que passou para a segunda fase de evolução. Nessa etapa, não há mais a necessidade de uma formação orgânica terrestre para a composição dos corpos físicos das individualidades que iniciam sua evolução na primeira fase.

O novo planeta, denominado Gorviani, para onde o casal Cao e Cala foi levado para dar continuidade ao seu aprendizado na primeira fase de evolução, era um planeta que havia sido devastado pela dissidia de seus habitantes, os quais sempre agiram de forma inadequada, destruindo-o em um tempo recorde. Essa destruição impossibilitou a existência de vida física por um longo período. Como consequência, o planeta, ainda na primeira fase de evolução, pôde reconstituir sua organização e iniciar uma nova etapa, com a expectativa de que algumas das individualidades ali presentes, expulsas de

outros orbes, pudessem dar continuidade a esse desenvolvimento com mais responsabilidade. Assim, o planeta e seus moradores poderiam alcançar a segunda fase de evolução sem tantos transtornos.

CAPÍTULO II

UM PLANETA EM REGENERAÇÃO

Havia um planeta em desenvolvimento, onde inicialmente existiam apenas elementos físicos que sustentavam a formação do reino mineral. Nesse planeta, recém-iniciado em sua individualização, iniciou-se o processo de desenvolvimento a partir do reino mineral. Com o passar do tempo, ocorreu a formação do reino vegetal e, posteriormente, após um longo período, a evolução para o reino animal. Esse processo evolutivo permitiu que as individualidades adquirissem o livre arbítrio.

Todas as individualidades, desde o início do desenvolvimento do planeta, são inicialmente regidas pelo programa instintivo. Com o aprimoramento, elas passam a agir por iniciativa própria, ou seja, têm a possibilidade de praticar seus atos de acordo com sua vontade, orientando suas escolhas com base no programa instintivo, que, até então, determinava as

regras do comportamento adequado para o seu aperfeiçoamento.

Com o passar do tempo, e devido à liberdade de ação adquirida, começaram a surgir os problemas, uma vez que os novos detentores do livre arbítrio se encantaram com o poder de escolher como agir de forma mais conveniente. Foram se deixando levar pelo orgulho de uns serem superiores aos outros, o que levou ao enfrentamento de questões cada vez mais complexas. Sabe-se que, a cada ação, corresponde uma reação. Assim, essas individualidades aprofundaram-se na execução de ações que contrariavam a lei da harmonia, o que gerava respostas com as mais variadas consequências de seus atos.

As individualidades foram exercendo seu papel de povoar o planeta, e isso ocorreu de forma desordenada, provocando uma série de problemas relacionados ao trâmite sexual. Foram formados núcleos que viviam apenas pelo prazer do ato sexual, deixando de lado a responsabilidade de acolher seus rebentos e de proporcionar a eles uma morada digna e uma orientação adequada. Como tudo possui um campo energético formado pelos atos praticados ao longo da existência física, o planeta acabou carregado de energias negativas, o que o tornou extremamente corretor das mazelas causadas por seus habitantes.

Inicialmente, a população se via mergulhada nos trâmites do desenrolar das respostas, que surgiam conforme as ações praticadas, muitas delas em desacordo com a lei da harmonia.

Todos os planetas se formam com a assistência de um governador. O governador deste planeta, mencionado aqui, fez de tudo para enviar trabalhadores do plano espiritual com o objetivo de orientá-los a seguir um caminho diferente. No entanto, as orientações não foram suficientes, e esse povo passou a praticar cada vez mais atos em desacordo com a lei da harmonia. Esses habitantes, cada vez mais, buscavam ignorar o caminho que leva a uma vida mais voltada ao aprendizado evolutivo, direcionando-se rumo ao conhecimento científico em detrimento do saber que os conduziria a uma existência mais sagrada.

Esse conhecimento científico levou-os a dominar o desenvolvimento do planeta, conduzindo-o a uma enorme desolação e ferindo sua estrutura em diversos aspectos. Provocaram as maiores destruições na natureza, que fazia parte da base da segurança e do bem-estar de seus habitantes. As mazelas foram tantas que o planeta não resistiu a tantas tormentas e buscou, de forma firme, responder aos atos de destruição por meio de mudanças em seu entorno, como a solidificação do solo, a secagem dos

rios, o aumento da atividade vulcânica, o tempo desordenado, vulcões em erupção e tsunamis, causando um sofrimento extremo aos seus habitantes. Tudo isso foi resultado desses desmandos, motivados pelo desejo de serem superiores ao próprio Criador.

O governador espiritual do planeta recebeu diversos trabalhadores de outros orbes para ajudá-lo na organização dos meios que permitissem aos seus habitantes compreenderem que, ao passar para a próxima fase de evolução, enfrentariam muito sofrimento causado pelos próprios atos de sua população. Esses novos trabalhadores buscaram, por todos os meios, conscientizar a população de que ela deveria mudar o rumo de seu desenvolvimento espiritual, mas não obtiveram resultados positivos significativos para que isso ocorresse.

É importante mencionar que os habitantes do planeta, que se afirmavam sofrendores, na verdade estavam sendo atingidos pelas consequências de seus próprios atos. Embora muitos se considerassem injustiçados, todos deveriam passar por aquelas dificuldades. Os habitantes que já haviam alcançado a evolução necessária para permanecer no planeta não seriam afetados pelos problemas, pois já se encontravam no plano espiritual, aguardando a passagem do planeta para uma nova fase. Nessa

ocasião, fariam parte dos escolhidos para iniciar uma nova jornada rumo à perfeição.

Diante do desmando que os habitantes do planeta provocaram a Mãe Terra começou a desenvolver alternativas para restabelecer sua ação de acordo com a harmonia. Por isso, ela passou a realizar determinados feitos para utilizar os recursos iniciais da constituição do planeta, com o objetivo de retornar à sua forma primitiva. Entre os recursos que ela utilizou, destacou-se, em primeiro lugar, um aquecimento global extremo, que tornava impossível para seus habitantes residirem ao ar livre devido ao sufoco intenso que enfrentavam. Além disso, ocorreu o derretimento das geleiras, o que elevou o nível dos oceanos e possibilitou a formação de novos locais de vegetação, contribuindo para a reconstrução da atmosfera. A vegetação, por sua vez, favoreceria a formação de nuvens, auxiliando na queda da chuva e na retomada do equilíbrio natural.

O aquecimento global também estava relacionado, inicialmente, à impossibilidade de formação de extensas áreas de monocultura, afetando a alimentação dos habitantes daquele planeta. Essa situação levou ao aumento da fome e, conseqüentemente, à perda de vidas, tanto por desnutrição quanto pela disseminação de vírus que se espalharam entre a população, provocando uma

infinidade de mortes. Esses eventos estavam ligados ao extermínio dos ambientes naturais onde essas comunidades de vírus viviam, como as florestas ou áreas com mananciais de águas, cujos locais perderiam as condições necessárias para impedir a propagação desses vírus.

Com tudo isso, diversos acontecimentos provocados pela regeneração do planeta serviram de base para uma reorganização geral, que resultou na reestruturação do reino vegetal. Essa recuperação permitiu que os demais habitantes usufríssem desses recursos naturais para sua alimentação. A desolação das construções nos grandes centros urbanos transformou-se em locais abandonados, onde a Mãe Terra buscava restabelecer a vegetação extinta, que havia sido prejudicada pelos emaranhados de prédios, contribuindo assim para a reconstrução do estado primitivo.

Foram poucos os habitantes do planeta que conseguiram se salvar dos acontecimentos que levaram à sua total destruição. Eles conseguiram isso por serem abastados e estudiosos, utilizando sua capacidade de enfrentar toda essa tribulação, uma vez que possuíam instrumentos e condições para superar, por um determinado tempo, as agruras que o planeta enfrentou.

Estes poucos que conseguiram sobreviver a esta hecatombe foram se aperfeiçoando dentro da ciência e formaram uma nova sociedade, na qual se estruturaram de modo a reiniciar tudo, inclusive criando uma nova linguagem para comunicação e utilizando-se de novos aparelhos para viver nesse local inóspito. Essa sociedade foi se estruturando aos poucos, e cientificamente estavam extremamente adaptados para sobreviver dentro dessa nova característica planetária, sem perceberem que o planeta havia passado por uma reorganização e que novos habitantes vieram habitá-lo, inclusive alguns vindos de outros planetas com a finalidade de complementar seus aprendizados evolutivos.

Com essa reorganização planetária foi possível desenvolver novamente as variadas formas de vida dentro desse novo estágio de desenvolvimento, e por milhares de anos essas individualidades foram se aperfeiçoando. Com o decorrer do tempo, passaram a adquirir o livre arbítrio e, assim, estabeleceram uma nova sociedade, afastada da presença dos antigos habitantes daquele planeta.

Os antigos habitantes do planeta agora viviam de forma diferente e, com as modificações científicas que utilizaram para sobreviver na época do caos, habitavam locais outros adequados a sua nova condição pois com a nova estrutura física não

conseguiriam sobreviver devido às características do planeta reorganizado.

As modificações realizadas em seus organismos resultaram em invólucros corpóreos bastante diferentes daqueles utilizados anteriormente. Com a reorganização do planeta, esses organismos modificados não seriam capazes de sobreviver às novas condições. Os seres que se formaram com a regeneração estavam integrados a atmosfera que agora predominava no planeta, por isso esses seres viviam como os que habitavam o planeta em sua formação.

Desta forma, os antigos habitantes, que agora viviam em um "mundo" diferente, utilizavam suas capacidades científicas e um corpo físico próprio para aquela região, que havia se tornado inóspita. Por isso, possuíam uma linguagem diferente e utilizavam máquinas para se locomover. Residiam em locais especialmente preparados, abaixo do nível da terra, formando uma população intraterrena que pouco saía para o exterior, uma vez que esse ambiente dificultava sua convivência com a atmosfera reconstruída.

Assim, por estarem habitando o interior do planeta, pouco conheciam do que estava ocorrendo no exterior; em virtude disso, desconheciam o que se passava na crosta terrestre e não percebiam que ali

se operava uma reconstrução, cuja reconstrução ia constituindo novas individualidades adequadas ao sistema formado, assim como havia acontecido no início da formação do planeta. Por isso, desconheciam o recomeço que se operava nas mesmas regras de quando tudo começou.

Dessa forma, começou a aventura ora descrita, com um casal de habitantes do planeta que se encontrou com esses moradores do interior planetário, uma vez que ambos desconheciam completamente os demais habitantes. Assim, para os habitantes do interior do planeta, tudo era novidade na crosta, e eles se deslocavam com suas máquinas e usavam vestimentas para se protegerem da atmosfera que agora os incomodava.

Este casal, Cao e Cala são os protagonistas da presente aventura, cujos espíritos vieram do outro planeta que passou para a segunda fase de evolução, foram deslocados para este planeta afim de darem continuidade ao aprendizado evolutivo, uma vez que não haviam alcançado o nível de evolução necessário para avançar para a segunda fase. Eles vieram fazer esse aprendizado neste planeta, onde foram colocados para continuarem utilizando os corpos físicos disponíveis, de modo a dar seguimento a sua caminhada. No planeta de origem, não conseguiram acompanhar alguns dos demais habitantes, por isso

foram levados a um outro astro onde fossem oportunizadas as condições necessárias para prosseguir com seu aprendizado evolutivo. Assim, esses acontecimentos foram necessários para que pudessem regularizar seu aprendizado, uma vez que, no planeta de origem, provocaram muitos estragos, e agora precisariam passar por essas dificuldades para dar continuidade ao seu desenvolvimento evolutivo.

É importante esclarecer que todos os problemas gerados, que destoem da lei da harmonia, deverão ser solucionados por meio de acontecimentos que incentivem o aprendizado de que tudo está sujeito à lei da harmonia. Assim, cada ato realizado deverá gerar uma reação, e essa reação será a oportunidade para o aprendizado. Por isso, esse casal está vivendo essa aventura dolorosa, na qual a mãe saiu da vida da família para que o pai pudesse avaliar o sentimento amoroso, há muito perdido, no local onde fizeram seus primeiros aprendizados, ou seja, o planeta de origem.

Aqui também se destaca a maneira como surgem os problemas, capazes de gerar um entendimento de como as ações deveriam ter sido realizadas anteriormente. Contudo, embora a causa desse problema esteja na memória espiritual, ele busca dar suporte a família para agir mais de acordo

com a lei da harmonia, da qual se distanciaram ao viver no orbe primário.

CAPÍTULO III

UMA AVENTURA NO PLANETA RECONSTRUIDO

O planeta onde ocorreu esta história chama-se Gorviani. Nele, diversas individualidades, incluindo os protagonistas desta narrativa, habitam devido ao fato de terem vindo do planeta Autrovero, que passou por uma nova fase de evolução na qual eles ainda não alcançaram o conhecimento necessário para acompanhar os demais habitantes que permaneceram lá. Esses habitantes atingiram o nível adequado para que realizassem, naquele local, seu aprendizado na segunda fase de evolução do planeta. Gorviani está localizado a centenas de anos-luz deste planeta, onde se encontram os recém-chegados. Ao chegarem a esse novo planeta, o casal iniciou sua jornada de aprendizado e evolução junto aos habitantes nativos. Estes ainda se encontravam em um estágio bastante inicial de sua caminhada

evolutiva e, por isso, viviam no interior da floresta, construindo suas moradias de forma rústica.

Esse casal já fazendo parte dos habitantes daquele planeta e, ao desenvolver suas atividades essenciais para a sobrevivência, buscava meios de promover seu aprendizado evolutivo. Desta forma iniciou-se mais uma etapa dessa vivencia.

Estes acontecimentos iniciaram-se numa noite fria e sombria, quando viajávamos por uma longa estrada. Após percorrermos muitos quilômetros, eu e meus pequenos filhinhos nos sentamos sob uma grande árvore, pois não conseguíamos mais continuar devido ao frio e ao cansaço. Abaixo dessa imponente e frondosa árvore, recostamo-nos no barranco, cercados pelos cipós e ramos que cobriam seu grande tronco, que funcionaram como um colchão. Deitamo-nos sobre a relva para descansar e recuperar as forças, a fim de que, no dia seguinte, pudéssemos reiniciar nossa caminhada.

Como estávamos muito cansados, adormecemos rapidamente. Um grande clarão surgiu naquela imensidão de estrada e mato, que era tudo o que existia ao nosso redor. Um barulho suave, semelhante à brisa do mar, tocou nossos ouvidos, e seres diferentes apareceram. Aparentemente

amistosos, eles nos observavam com certa curiosidade, e eu percebi que poderiam ser entidades com grande capacidade, que vieram em nosso socorro. Pareciam tão amigáveis, pois nos olhavam e tentavam nos compreender, movendo-se de um lado para o outro.

Após um certo período, eles tentaram nos tocar com muita sensibilidade. Eu e meus filhos ficamos boquiabertos, começando a sentir que se comunicavam em uma linguagem diferente, desconhecida para nós. Seus sons pareciam grunhidos estranhos, e não entendíamos nada do que diziam. Embora seus gestos transmitissem uma certa amizade, também revelavam uma supremacia sobre nós.

O aparelho que se encontrava estacionado era semelhante a uma grande máquina repleta de lâmpadas acesas, de várias cores, com eixos e rodas feitas de um material que nunca havíamos visto. Escadas e peças estranhas rodeavam a imensa máquina, que continuava a emitir o leve zunido que ouvimos quando ela estacionou. Tudo isso nos parecia como um sonho.

Jamais imaginamos que um dia encontraríamos essa tal máquina, que se movia de cá para lá e de lá para cá a todo instante. Dentro dela,

vários outros seres pareciam estar no comando, enquanto aqueles que haviam descido para nos observar demonstravam impaciência. Eles nos encaravam, tentando nos ver de todos os ângulos, e utilizavam instrumentos estranhos para nos examinar. Esses dispositivos produziam luzes coloridas que quase nos cegavam quando eram direcionadas para nós. Foi então que pensei novamente: esses seres não parecem tão amistosos, e a ajuda que imaginei parece não estar se concretizando. Nesse momento, uma grande pergunta surgia em minha mente: quem seriam, o que estavam fazendo naquele local e o que desejavam de nós?

No primeiro momento, pensei que poderia haver alguém ali para nos ajudar, e agora tudo tomava um novo rumo. A possibilidade de que essa ajuda estivesse realmente acontecendo surgia, mas de uma maneira que não conseguíamos compreender. Isso poderia se transformar em um grande pesadelo, pois não conhecíamos aquelas engenhocas e, muito menos, tínhamos conhecimento da existência de seres daquela espécie.

Mil conjecturas surgiram em minha mente. Abraçado aos meus filhinhos, comecei a implorar ao Ser maior por sua ajuda, pois não sabia o que aconteceria. Aqueles seres pareciam muito superiores

a nós, e suas máquinas demonstravam um poder imenso. Neste momento, mergulhei em um profundo recolhimento, imaginando o que seria de nós. Pensava especialmente em meus filhinhos, que estavam apenas começando a vida. Embora essa jornada fosse marcada por muitos sacrifícios, eu nutria a esperança de que, ao longo do caminho, pudesse surgir um pouco de luz que os iluminasse e lhes oferecesse uma oportunidade melhor do que a que eu havia vivenciado. Minha vida, até agora, fora longa e difícil, mas sempre esperei que novas oportunidades aparecessem, tornando o sofrimento deles menos intenso.

O medo dominava-me, pois, meus filhinhos ainda não tinham a noção do que poderia ocorrer conosco diante daqueles seres e daquela monstruosa máquina à nossa frente. A máquina parecia ser de vidro, pois podíamos ver alguns seres dentro dela, manipulando diversos instrumentos dispostos ao redor de uma enorme mesa de cor clara. Os seres manuseavam os equipamentos, enquanto uma grande tela exibia a imagem de vários outros seres, todos diferentes entre si. Aqueles que estavam dentro da máquina se comunicavam com os que estavam do lado de fora e nos observavam, e cada informação era verificada pelo ser ao nosso lado.

Como estávamos em silêncio por causa do medo, eles começaram a nos tocar enquanto recebiam informações. Quando se aproximaram mais e começaram a tocar de maneira mais intensa em um de meus filhinhos, fiquei apavorado e fiz um gesto brusco. Isso provocou um grande medo em um daqueles seres, que se reuniram e se comunicaram com os demais seres que estavam dentro da grande máquina. Esses seres forneceram mais informações, e eles se apoderaram de determinados aparelhos que indicavam estar prontos para usar caso eu me movimentasse novamente da forma que o fiz no momento do desespero.

A troca de informações tornou-se mais rápida, e o aparelho gerava diversas formas de seres, todos dotados de informações transmitidas àqueles que estavam do lado de fora, nos observando. Logo percebi que eles nos consideravam interessantes, mas tinham certo receio de que pudéssemos fazê-los mal caso não tomassem os devidos cuidados.

Agora sim, eu estava convencido de que eles não eram nossos ajudadores, mas sim seres que nos investigavam. Eu não fazia a mínima ideia de quem eram, o que faziam ali e como nos tratariam, já que seu poder era evidentemente superior ao nosso potencial de defesa.

Ao ficar estarecido, notei que um deles me olhou friamente nos olhos, como se quisesse extrair informações por meio do meu olhar. No entanto, não me importei, pois me sentia inferior a eles e às suas tecnologias, das quais não tinha conhecimento.

Eu sempre me conectava a algo que considerava superior e acima de tudo, algo que me conferia o direito de viver e me ajudava nas horas mais difíceis. Agora, implorava por esse auxílio, pois me sentia sem alternativas. Meus filhinhos olhavam para eles e sua máquina com grande curiosidade, chegando até a aventar a ideia de tocá-los. No entanto, eu os adverti em voz baixa, alertando que isso poderia representar um grande perigo, já que não conhecíamos essas criaturas e poderíamos, de alguma forma, representar uma ameaça para elas.

Ficamos muito tempo ali parados, sem nada poder fazer e, ainda menos, tentar perguntar, pois eles falavam uma linguagem que não conseguíamos entender. Apenas eu observava todos eles, desconfiado de que pudessem agredir um de meus filhinhos.

Em determinado momento, um daqueles seres se aproximou do meu filhinho mais novo e tentou atacá-lo com suas garras. Nesse instante, ameacei entrar na frente dele, momento em que o ser desferiu

sobre minhas mãos um enorme facho de luz que emanava de um dos instrumentos que portava em uma das mãos. O facho de luz quase atingiu meu pulso, mas, como eu já havia recuado, ele acertou apenas um arbusto que estava à minha frente. O impacto fez com que o arbusto se encolhesse e quase desaparecesse, liberando um forte odor de algo queimado que subiu ao ar. Percebi, então, que estávamos correndo um grande risco de vida e que o melhor a fazer era permanecer imóveis, evitando qualquer movimento que pudesse despertar neles a percepção de uma ameaça, pois poderíamos ser totalmente incinerados caso os amedrontássemos.

O medo tomou conta de mim, mais por meus filhinhos do que por mim mesmo, pois sabia que eles eram inocentes e não tinham como se defender caso fizessem algum movimento brusco. A situação estava se tornando tensa muito mais rapidamente do que eu imaginava.

A escassa esperança de que esses seres pudessem nos ajudar foi diminuindo a cada instante, e já não havia nada que pudesse mudar nossa situação, a não ser que o Ser Maior que nos sustentava, embora eu não soubesse de que forma, existisse e fosse o único capaz de nos auxiliar naquela tremenda encruzilhada. Eu não conseguia imaginar como poderíamos sair daquela situação sem

enfrentar um desgaste considerável ou sem pagar um preço elevado por estarmos ali, naquele momento em que eles apareceram.

No início, uma estrela que enfeitava o céu durante a noite, e depois um imenso pesadelo que nos assombrava. Somente o Criador poderia nos socorrer, mas eu não sabia como me comunicar com Ele. Embora tivesse a certeza de. Sua existência, fazia a única coisa que conseguia: pedia ajuda em voz baixa e implorava por socorro. Algo dentro de mim dizia que Ele nunca abandonava ninguém.

Minha mente fervilhava só de pensar que aqueles seres poderiam, de um momento para o outro, nos separar. Havia, na verdade, uma menção de que consideravam meus filhinhos menos perigosos do que eu, pois eram pequenos e franzinos, o que não despertava muito temor neles, já que eram menores que eu e muito mais inocentes.

A aflição penetrava todas as minhas entranhas, pois percebia naquelas criaturas uma capacidade além do que havia visto ou imaginado. Elas possuíam instrumentos que eu nunca tinha imaginado existir, e se elevavam sobre o chão com uma espécie de máquina que flutuava, produzindo apenas um leve zunido. Em suas mãos, enormes pinças eram usadas para tocar os objetos, enquanto

suas mãos estavam colocadas uma sobre a outra. Elas colocavam lâmpadas de várias cores nos instrumentos que nos apontavam, faziam gestos diversos com as mãos e com os aparelhos. Resmungavam bastante e sempre apontavam na nossa direção. Quando eu tentava me mexer, as enormes pinças que carregavam pareciam indicar uma intenção de me agredir. Pedi aos meus filhinhos que não fizessem movimentos bruscos nem mexessem muito a cabeça, pois parecia que elas sempre miravam nossas cabeças, como se fossem a parte mais perigosa de nossos corpos. Não conseguia saber como eram seus corpos, pois estavam cobertos por um vestido espesso e quase colado aos seus aparatos.

Havia momentos em que sua vestimenta brilhava, deixando transparecer uma sutil envergadura de corpo, como se fosse o que sustentasse toda aquela parafernália de instrumentos, pois tudo parecia estar muito interligado. Os instrumentos produziam certos barulhos enquanto eram apontados para nós. Eu não sentia nada, apenas via que uma luz vermelha, branca e, às vezes, azul era direcionada para nós; porém, nada nos fazia sentir essa luz, apenas ouvíamos o zunido quando ela nos atingia. Logo após, vindo de dentro da nave, surgiam várias respostas por

meio de um som estranho, que eu não compreendia, mas tinha a certeza de que estavam nos comunicando algo a nosso respeito.

Aquele pesadelo parecia infundável; eu tinha medo até de pedir que ele terminasse, mas também sabia que o resultado poderia não ser o esperado. Por isso, a angústia tomava cada vez mais conta da minha existência, sufocando-a a cada minuto. Como já mencionei, o que mais me preocupava era a possível separação dos meus filhinhos, pois eles representavam minha vida. Sempre os quis unidos na convivência, pois assim formávamos um grupo que se aquecia mutuamente, especialmente considerando que habitávamos um planeta que, em determinada época, era muito frio.

Naquele momento, comecei a afastar meus pensamentos e a relembrar os dias que passei ao lado dos meus filhinhos. Quantas alegrias e momentos felizes vivemos juntos! Diversos encontros alegres surgiam na minha mente, trazendo paz e esperança. No entanto, tinha consciência de que tudo aquilo poderia acabar de uma hora para outra, e não conseguia imaginar o que poderia acontecer com meus filhinhos, desprotegidos. Sem saber onde tudo aquilo iria chegar, permanecia apreensivo e inseguro quanto ao futuro.

Momentos mais terríveis do que aqueles, jamais imaginara que poderiam acontecer comigo. A escuridão não se dissipava, pois ainda era o meio da noite que reinava. Ali, sob aquela bela e frondosa árvore, esperando descansar, enfrentávamos o desespero de não saber o que aconteceria dali em diante, uma vez que aqueles seres nos colocavam em perigo.

Nunca tinha visto tais seres. Não sabia quem eram, de onde tinham vindo ou do que seriam capazes de fazer comigo e com meus filhinhos. O medo tomava conta de mim, e o desespero me assolava como um furacão enraivecido, enquanto eu não podia fazer nada, absolutamente nada. Aqueles seres portavam instrumentos estranhos, capazes de queimar até árvores. O que mais poderiam fazer conosco?

Não tínhamos mais esperança, exceto imaginar que nosso Ser Superior poderia vir em nosso socorro; contudo, nem mesmo sabíamos de que maneira essa ajuda poderia ocorrer. Restava-nos apenas esperar e ver o que se sucederia.

Mais tempo se passou, e eles continuavam a nos iluminar com seus instrumentos de luzes variadas. Comunicavam-se por gestos e por sons ininteligíveis para nós. Sua grande máquina permanecia parada ali, e a cada momento, as luzes

dentro dela se acendiam, iluminando tudo ao redor de onde estávamos. A enorme tela continuava a desenhar figuras de diversos seres, fragmentos desses seres e instrumentos perfurando-os, fazendo emendas, trocando pedaços de cores diferentes. Muitos seres estavam diante daquele telão, apertando botões que faziam surgir novas criaturas, de formas e tamanhos variados. Eu ficava cada vez mais atordoado com tudo aquilo, preocupado com meus filhinhos. Quando, de repente, surgiu um ser mais estranho, com roupas diferentes, toda a cara coberta por uma espécie de capacete, que se aproximou de mim, passando a me observar com atenção. Com grandes pinças na mão, ameaçou-me caso eu fizesse o menor movimento. Vários outros seres também se aproximaram, cada um com proteção no rosto e nas mãos. Um outro ser, com uma roupa ainda mais diferente, avançou portando uma enorme pinça e tentou pegar meu punho esquerdo. Nesse momento, fiz um gesto de defesa, tentando desviar daquele horrível instrumento do meu pulso, quando outro ser colocou uma enorme argola no meu pé direito, deixando-me completamente imobilizado.

Dois daqueles seres ficavam constantemente emitindo sons estranhos, um para o outro, enquanto resmungavam algumas vozes que eu não compreendia. Todos olhavam para mim como se eu

fosse um objeto muito perigoso. Eles tentavam me tocar, mas recuavam rapidamente. Mesmo agora, com o meu pé direito preso por uma enorme argola de ferro que me machucava e impedia que eu movimentasse a perna, tudo me doía: o medo, a dor, a angústia. Eu não sabia mais o que fazer. Pensei em correr, mas minha perna já estava presa a uma corrente que levava até uma grande máquina. Sentia-me completamente perdido, sem saber qual caminho seguir. Uma coisa, no entanto, ainda me fazia resistir: meus filhinhos. O que seria deles se eu não pudesse estar pelo menos presente nessas horas de terror, que começavam a transformar nosso ambiente outrora tão inocente, um lugar de possibilidades de descanso tranquilo, criado pelo Ser maior para nossa estadia?

Através de algumas luzes, percebi a chegada de um objeto enorme que apareceu vindo de cima. Em uma velocidade impressionante, ele se aproximou, cheio de luzes coloridas e emitindo o característico zunido, que agora me entorpecia devido ao medo de tudo o que estava acontecendo comigo e com meus filhinhos. Pensei: o que vai acontecer agora, já que estou praticamente imobilizado? O que será de meus pequeninos? Ó tortura inconcebível, ó desolação. Somente a morte parecia perscrutar minha mente, entorpecida pelo medo daqueles momentos.

Por um instante, pensei que esta nova nave pudesse trazer-me algum alívio neste momento de dor profunda, mas, ao contrário do que imaginei, soaram os sinos do desespero ao ver esses novos seres, com roupagens diferentes, dirigirem-se em direção aos meus filhinhos. Agora, eu, desolado, aguardava o pior: o aprisionamento de meus queridos filhinhos. Eles se aproximaram dos meus filhinhos e, com gestos suaves, tentaram tocá-los, mas, assustados, eles buscaram afastar-se. Contudo, foram contidos bruscamente por grandes pinças, que agora envolviam o pescoço de um deles. O desespero tomou conta de mim, e, num gesto impulsivo, levantei-me sem pensar no que poderia acontecer. Em um salto, consegui ficar de pé, mas o anel que me aprisionava o pé era tão forte que me feriu profundamente, dilacerando minha carne e fazendo sangue jorrar abundantemente pela perna. Fui contido pelas enormes pinças que surgiram nas mãos dos outros seres, e, com um golpe certo, um deles implantou em meu abdômen um estranho objeto, que começou a me fazer perder os sentidos. Em pouco tempo, já estava prostrado no chão, inerte, vítima da ação daquele estranho artefato. Minha mente começou a se apagar, e, querendo saber sobre meus filhinhos, fui desaparecendo completamente, até deixar de sentir dores e de estar consciente.

Estava quase apagando completamente, quando uma voz suave, como a mais leve das brisas, soprou aos meus ouvidos: "Tenha fé, que tudo isso passará. É apenas mais um momento difícil em sua caminhada, mas confie no Ser maior, pois Ele não permitirá que você pereça, nem a seus queridos filhinhos." Foi assim que adormeci, sem sentir mais nada.

Enquanto eu estava imobilizado no chão, agora envolto por uma enorme rede que prendia todo o meu corpo, fui transportado para dentro da grande nave. Logo após, começaram a examinar todo o meu organismo, incluindo meus olhos, minha boca, minhas mãos, meus dedos e meus órgãos genitais.

Tiraram de mim grandes quantidades de sangue que colocaram dentro de um outro instrumento e que dele saiu um enorme sinal na tela com alguns rabiscos esquisitos e que indicavam ser o resultado de exames que faziam com meu precioso sangue. A cada instante os seres que ficavam ali por perto me olhavam e ficavam atentos para ver se eu mexia ou colocasse alguns deles em perigo embora, envolto pela rede e aprisionado por grandes argolas que envolvia os meus pés, mãos e pescoço.

Sempre tinha um deles preparado com uma enorme pinça apontando para mim numa clara

demonstração de que ao menor movimento ele me colocaria outro objeto daquele que me fizera dormir.

Falo assim porque essa parte me foi ditada pela minha mente tão logo me recobrei do sono a que eles me submeteram naquela ocasião.

Fui completamente examinado, todo o meu corpo foi perfurado por pinças, fui levado para diversas outras salas onde estive exposto em aparelhos que me viam por dentro e me faziam pressão quase me sufocando, mas tudo ocorreu sem que eu esposasse a menor reação, pois estava completamente sedado e a nada poderia reagir, mesmo que isto pusesse minha vida em perigo.

Depois de várias horas, ainda com a noite nos cobrindo comecei a esboçar uma leve reação de que estava acordando de um profundo sono e não tinha nesse primeiro momento a noção da realidade, somente quando tentei mexer minha perna e braços é que me dei conta do que estava ocorrendo, da realidade a que me achava submetido.

Veio a minha mente todo aquele acontecimento e isto me deixava quase sem capacidade de reagir, isto é sem capacidade de procurar entender e buscar o que estava acontecendo, me veio à mente toda aquela história novamente parece que o sofrimento foi novamente

equacionado para que eu pudesse rever tudo outra vez, agora com maior sofrimento porque eu estava consciente de que não poderia fazer nada por mim e muito menos pelos meus filhinhos que ainda se encontravam em poder daqueles terríveis seres e sua poderosa, agora duas naves.

Tentava mexer meus pés e braços, mas nada disso acontecia, pois estava completamente neutralizado por aquelas enormes argolas e percebi que cada esforço que eu fazia alguma coisa se movimentava nas telas da grande televisão que estava na minha frente. Notei que quando eu pensava e ficava com muito medo a tela variava de cor, um dos seres mexia nos controles para melhorar a luz que dela emanava. Os meus movimentos representavam certo receio neles

Nesta hora percebi claramente que eu estava sendo examinado por conta daqueles que me aprisionaram e para eles o importante era eu não esboçar nenhuma reação que os atingisse, pois neste momento se julgavam donos da situação.

Como aqueles seres eram totalmente diferentes em relação a nós, na minha mente surgiu um pensamento de que seríamos, num primeiro momento, milimetricamente explorados para depois

conjecturar qual seria para eles, a nossa importância no contexto em que encontrávamos.

Por isso me dei por passado aquele primeiro instante de inspeção com os aparelhos que não sei como foram utilizados em mim, pois me encontrava sobre o efeito de alguma substância que me entorpecera e perdera a razão assim até as dores que poderiam ter surgido foram espalhadas para fora de mim.

Estando consciente comecei a me preocupar novamente, não comigo, mas com os meus filhinhos que a esta altura não os tinha sob o meu olhar e não fazia a mínima ideia de como estavam e onde estavam, bem como o que tinham sofrido na minha ausência, pois eu notava que aqueles seres que nos detinham seriam capazes das maiores atrocidades, pois já haviam demonstrado isso comigo.

Tudo na minha mente esboçava-se como os raios de luz; meus pensamentos vagavam para todos os lados na esperança de encontrar ao menos algum indicativo de um fim para aquela tortura. Contudo, tudo parecia seguir um rumo de sofrimento cada vez maior. Não consegui enxergar meus filhinhos, e muito menos compreender o que aqueles seres resmungavam. Cada vez mais, eles o faziam, e minha angústia aumentava por não entender a comunicação

deles, que talvez pudesse oferecer algum alívio ao saber para onde tudo aquilo estava levando. No entanto, nada entendia de seus resmungos ou das mensagens trocadas por meio das grandes máquinas.

Me via preso àquela enorme e terrível rede, com pés e mãos atados por grandes argolas. Apenas meu pescoço permanecia livre, mas o peso da rede que me envolvia não me dava qualquer possibilidade de esboçar sequer uma reação.

Um mundo diferente daquele que eu conhecia até então começava a surgir em minha mente. Seria aquele o fim de nossa existência, que eu imaginava estar apenas começando, principalmente para meus filhinhos, diante do que o destino nos reservava. Até o momento, vinha envidando um grande esforço para manter a tranquilidade junto aos meus filhinhos, pois a mãe deles havia desaparecido como por encanto, numa ocasião em que buscava frutos na mata para alimentar os rebentos, e nunca mais alguém soube de seu paradeiro. Essa perda nos colocou numa situação muito difícil. Durante todos esses anos, eu tinha que desempenhar o papel que ela deixará, sendo uma mãe dedicada, sempre rodeada por nossos filhinhos. Somente ela sabia ensiná-los na nova caminhada que deveriam fazer quando estivessem capazes de buscar por si próprios o alimento que encontravam na mata. A tristeza pela perda da mãe nos uniu

completamente, pois éramos todos órfãos e a jornada estava sendo muito difícil para nós.

Com pouca experiência em ensinar as novas técnicas de sobrevivência relacionadas à feminilidade, procurei fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para transmitir uma sensação de proteção aos meus filhinhos, embora isso estivesse aquém do que a mãe lhes proporcionaria. Mas era o único meio de que dispunha para oferecer-lhes algum amparo.

Este tempo que passamos juntos nos tornou diferentes dos demais companheiros, pois formávamos uma nova sociedade: um pai com seus filhinhos, em que todos aprendiam com os fatos que aconteciam e buscavam soluções. Ficamos um pouco afastados dos demais membros da grande sociedade porque eu me tornei mais introvertido na união com meus filhinhos, formando uma nova aglomeração onde todos estavam aprendendo juntos. Isso foi considerado estranho, pois até então aquela sociedade seguia seus costumes, transmitidos pelo grupo. Como eu estava inovando, ficamos um pouco isolados, pois nossos comportamentos e os dos demais membros da grande sociedade começaram a divergir. Isso fez com que, eventualmente, tivéssemos que deixar aquele local, onde não estávamos mais em sintonia com seus costumes. Por isso, embrenhamo-

nos na mata adentro, nesta longa caminhada que desemboca no local onde está ocorrendo todo esse emaranhado de problemas.

Pensei várias vezes sobre o quão difícil é se diferenciar do grande grupo, pois a proteção fica restrita aos membros que estão fora dele. Os que permanecem no grande grupo contam com a proteção de todos, enquanto nós tínhamos apenas a nossa própria proteção. Isso porque eu havia optado por construir o futuro dos meus filhinhos exatamente como a mãe deles desejava, e essa decisão vinha me causando uma dor profunda. Agora, estava vendo tudo isso se desmoronar, pois a situação se tornou extremamente deprimente e inusitada, a ponto de eu não me sentir sequer capaz de enxergar meus filhinhos. Era apenas o pensamento de uma força maior que me dava ânimo.

Horas de terror eu estava passando naqueles instantes de extrema tortura, nos quais não conseguia vislumbrar qualquer saída para minha situação, para que, posteriormente, eu pudesse aliviar o sofrimento de meus filhinhos, mesmo que fosse apenas com um olhar. A dor era cruel, e ninguém poderia imaginar o meu sofrimento. Aqueles seres pareciam não se importar com nada; para eles, eu e meus filhinhos éramos apenas objetos que poderiam representar perigo, embora dispusessem de

inúmeros instrumentos capazes de nos imobilizar a qualquer momento. Eles jamais demonstravam qualquer sentimento em relação a nós; apenas manifestavam um desprezo profundo. Eu percebia que sentiam nojo de nossos corpos, de nossas vozes e de nossa comunicação, que, por várias vezes, tentaram calar, impedindo-nos de emitir nossas conversas.

Nossos algozes faziam de tudo para que não interferíssemos em suas falas durante as comunicações deles, que, como já mencionei, mais pareciam grunhidos de uma comunicação ininteligível, deixando-nos atônitos, questionando se eles poderiam realmente compreender uns aos outros. Ainda mais impressionante era o fato de utilizarem instrumentos específicos para estabelecer outros tipos de comunicação. Pareciam estar se comunicando até mesmo com as máquinas às quais estavam conectados.

O tempo foi passando, e eles não se importavam com as dores que cada vez mais me incomodava. Meus pés, mãos e pescoço estavam cada vez mais doloridos por permanecerem na mesma posição por várias horas. Minha perna, dilacerada, queimava como se estivesse em brasa; a dor era tão intensa que fazia arder profundamente.

Não via mais de perto qualquer um daqueles seres, que agora considerava malignos e capazes das maiores atrocidades contra nós. Com o passar do tempo, em determinado momento, a grande máquina ao meu lado iluminou-se ainda mais, e de dentro dela saiu um ser vestido de maneira diferente, que caminhou em minha direção. Eu estava estendido sobre aquela mesa fria, parecendo uma pedra de gelo, acompanhado por outros seres que me haviam aprisionado. Ele colocou as mãos ao redor da mesa e começou a grunhir novamente, junto com aqueles outros seres que me observavam atentamente. O resmungo continuava sem parar. Eles me olhavam de todos os lados e, em determinado momento, um deles se apossou de uma pinça que vestia em suas mãos e começou a me tocar. O movimento foi muito rápido, como se eu fosse agredi-los, mesmo totalmente imobilizado. Eles se afastavam a cada tentativa minha de emitir um sinal de dor quando me tocavam, embora o toque fosse muito sutil, pois, ao que me parece, eles estavam sentindo medo ou nojo de mim. Não sei qual era a realidade; só sei que estavam sendo muito cuidadosos ao tocarem em mim.

De repente, o ser diferente grunhiu para o outro. Este imediatamente tocou-me com mais força, e, neste momento, senti muita dor, pois ele tocou no meu pé, onde a perna estava dilacerada. Então, emiti

um gemido de dor. Todos se afastaram de mim, e um deles fez menção de me atingir novamente com aquele instrumento com o qual me haviam desmaiado. No entanto, o ser vestido diferentemente fez um sinal para que ele se calasse com o instrumento, e percebi que ele estava dizendo para não me atingir, pois precisava entender como aquilo ocorria e por que eu reagia daquela forma. Nesse momento, compreendi que ele estava tentando entender que eu reagia daquela maneira toda vez que eles me tocavam. Assim, pude perceber que o que eles estavam fazendo era uma espécie de reconhecimento de mim, pois, até então, achavam que eu seria mais um objeto perigoso do que um ser autônomo e inofensivo, considerando toda a sua tecnologia.

Quando tudo isto ocorreu percebi que eles voltaram para o grande painel e começaram a mexer nos botões em busca de não sei o que, mas continuaram a mexer sem parar. Vi que apareciam imagens de muitos seres diferentes e que eu conhecia porque convivia com eles na floresta onde morava, para mim eles eram meus companheiros de vivência embora cada um tivesse o seu modo de ser e lugar de viver todos nós nos respeitávamos e cada um fazia do seu lugar um santuário, é claro que de vez em quando um interferia no lugar do outro poderia ocorrer um problema que sempre era resolvido pelos guardiões

ou chefes da sociedade, embora algumas vezes isso levasse a morte de alguns membros, porem eles tinham aquela função de cuidar de toda a comunidade, ninguém aprisionava ninguém, a morte era o cumulo da resolução, isso para nós era muito natural, pois daquele momento em diante a comunidade retornava ao estado normal, livre dos perigos, era então comum o sacrifício de alguém para beneficio de toda a comunidade que passava a reinar soberanamente em seu lugar de vivencia.

Como estávamos acostumados aos acontecimentos necessários para o restabelecimento da normalidade, aqueles fatos eram necessários, mas agora nas mãos destes novos seres e muito diferenciados de nós, não compreendíamos como pudéssemos estar imobilizados e agredidos sem uma justa razão, pois tínhamos o nosso meio de fazer as coisas, o nosso meio de comunicação a nossa maneira de restabelecer o normal e agora estávamos sendo agredidos por seres completamente diferentes e com ações também muito diferente de nossa normalidade.

Um mundo novo surgia em nossa vida e não sabíamos o que ocorreria dali para frente conosco. Nossa vida estava completamente desestruturada uma vez que não entendíamos nada do que estava ocorrendo somente que poderíamos sofrer maiores agressões e talvez a até a própria morte pudesse advir

naquelas circunstâncias, pois não conseguíamos entender as suas comunicações e muito menos o que iriam fazer conosco.

Quanta crueldade por parte daqueles seres instrumentalizados. Nós apenas queríamos ir embora para uma nova moradia e estávamos sendo impedidos por eles. Ao olhar pensamos muito que seres esquisitos, pareciam que tinham vindo de um outro mundo pois nunca os havíamos visto. No começo pareciam seres amistosos e agora a concretização do medo, pois eles eram seres que não tinham sentimentos, não tinham o menor respeito por nós, pois eles detinham certos conhecimentos que nós não tínhamos e por isto ao pensar que eles eram seres bons, estávamos enganados eles somente queriam nos dominar a qualquer custo. Por eles serem diferentes e vindos de um outro mundo imaginávamos que seriam entendidos quanto a nossa existência e soubessem sobre nossos sentimentos de amor para conosco e com nossos outros seres iguais “em termos”, mas nunca imaginávamos que seres como eles pudessem nos desconhecer e enquanto nos estudavam o mínimo que poderiam fazer seria nos respeitar e entender que tínhamos sentimentos e que pudéssemos sentir dor e aflição.

Como é difícil ter este sentimento de que existe alguém com mais conhecimento do que nós, mas com

sentimentos mais brutalizados que o nosso. Eu não era capaz de acreditar que eu estava passando por tudo aquilo que estava acontecendo, não imaginava nunca que pudesse existir seres com tamanha ignorância, como eu imaginava serem seres de outras dimensões e que pudessem até habitar junto com o Ser Supremo, mas como entender que seres mais sábios pudessem fazer tanta maldade conosco, meros seres que apenas andavam para buscar um outro lugar que nos pudesse render melhores condições de vida e agora vermo-nos interrompidos por eles em nossa pequena trajetória, mas a esperança de que o Ser Supremo pudesse nos ajudar nunca se esvaiu, era isso que me animava a ter esperança de que aquilo tudo teria um fim benéfico, pois ainda tínhamos a esperança de que eles pudessem em determinado momento reconhecer a nossa fragilidade.

As minhas dores continuavam demasiado fortes e eu não podia expressar reação pois tinha medo que com isso me impingissem maiores tormentas por causa eu penso do medo que eles tinham de minha reação violenta. Eu já estava preparado para nada fazer pois sabia bem que o significado destas reações poderia causar ainda mais sofrimento para meu ser.

Eu os tinha como superiores pois possuíam capacidade de nos imobilizar pela força e pelos instrumentos de que dispunham e isso já eu tinha claro, mas o tormento maior era o que estava acontecendo com meus pobres filhinhos, não fazia a mínima ideia do que ocorria com eles, se recebessem o mesmo tratamento que dispensavam a mim penso que já teriam morrido pois a reação deles era bem diferente da minha, eles eram criaturas inocentes e as suas reações poderiam desencadear um fenômeno de medo nos seres e eles poderiam até matar meus pobres filhinhos em vista do medo que eles pudessem despertar.

Ai quanto sofrimento físico e mental, sentimento que fazia estar cada vez mais submisso as determinações dos seres pois essa angustia de saber sobre meus rebentos é que animava a submeter-me cada vez mais. A minha esperança é de que eles pudessem reconhecer nos meus filhinhos a incapacidade de lhes fazer mal e assim pudessem ter um destino melhor do que imagino estivesse reservado para mim, pois nesta altura eu tudo esperava, uma vez que aqueles seres se mostravam insensíveis aos nossos sentimentos, talvez até desconhecessem de que tais sentimentos pudessem nos acompanhar, tal era o que de suas ações se desprendia.

Fui conduzido para uma outra câmara, agora iluminada por novas luzes, repleta de aparelhos diferentes e de seres diversos, todos com vestimentas e instrumentos variados. Tudo brilhava como um sol forte; sua luz emanava de pontos posicionados acima de nós. Eu era levado para uma nova mesa, gélida, mas continuava preso aos agulhões aos quais tinha sido submetido anteriormente. Pensei no que poderia acontecer a partir daquele momento, e o medo tomou conta de mim, especialmente por estar pensando nos meus filhinhos e no seu destino.

Essa nova mesa, gelada, encontrava-se em outro local dentro da grande nave, que me parecia estar se deslocando para um destino desconhecido. Só sei que ela se movia muito rapidamente. Esse veículo em que eu estava preso parou repentinamente, e um dos seres, que parecia ser o comandante, pediu para que me libertassem a perna já destroçada. Ele indicou, na grande tela à sua frente, o que parecia ser um retrato da minha perna machucada. Ao seu lado, havia outro ser, completamente vestido com uma roupa colante e de aparência estranha, de cor prateada, carregando diversos instrumentos na mão e sobre uma bandeja. Ele fez menção de me tocar, mas eu não manifestei qualquer reação, pois sabia do que eles eram capazes quando eu reagia e isso os assustasse.

Fiquei imóvel quando ele tocou o meu ferimento, que já se encontrava em um estado muito dolorido. Foi como se uma grande agulha fosse introduzida em meu corpo, tamanha a dor que me despertou. Fiz apenas uma careta, mas me contive de emitir qualquer reação de grito devido à dor. Sem demonstrar perigo na expressão de quem me tocava, ele foi me examinando. Suas luvas tocavam-me agora com certo cuidado, mas mesmo assim esse cuidado me causava muita dor, o que me fazia gemer em voz baixa, tudo por causa do medo que eu sentia de desafiar aqueles monstros, assim como agora os via: monstros completamente insensíveis...

O tempo passava a passos de tartaruga, e meu íntimo, cada vez mais, se atormentava, pois eu não sabia onde aquilo tudo iria me levar, quais seriam as consequências daqueles procedimentos que estavam sendo feitos comigo.

Após me examinarem por bastante tempo, começaram a jogar água fria, com um cheiro horrível, sobre todo o meu corpo dolorido. Essa água me fazia sentir uma dor intensa, como se algo estivesse me queimando. Alguns deles demonstravam um jeito que parecia indicar que estavam gostando daquela atitude, pois notava que grunhiam entre si e exibiam os dentes, numa expressão de satisfação com o que estava acontecendo. Além disso, pareciam se sentir

muito bem com os gestos quase imperceptíveis que faziam, mesmo diante do desconforto que aquilo me causava.

Depois, ligaram um certo instrumento que soprava vento sobre o meu corpo, que já se encontrava em condições precárias devido ao sofrimento interno e ao sofrimento causado pelo aprisionamento nas grades de ferro. Além disso, sentia uma dor dilacerante provocada pelo ferimento que corroía minha perna, e eu, numa atitude de impotência, não conseguia sequer manifestar a minha dor.

Este vento gélido percorreu todo o meu corpo com uma velocidade impressionante, a ponto de eu sentir que iria me decompor, tamanha a força que exercia sobre mim. Após algum tempo, consegui estar completamente livre da água e do vento; porém, minha pele ficou seca e áspera, pois nenhuma oleosidade a sustentava. Ainda assim, permanecia preso àqueles instrumentos, que considero instrumentos de tortura, pois os seres não me libertavam para nada.

Eu sentia a necessidade de excretar meus alimentos que se faziam sólidos e líquidos, mas não podia fazê-lo devido ao medo que me assolava de provocar alguma reação adversa neles. No entanto,

em determinado momento, fiz tudo o que podia, e até o que não podia, arriscando-me a expô-los ao medo. Para minha surpresa, nada aconteceu; pelo contrário, eles novamente me inundaram com aquela água de cheiro horrível, gélida, que fez meu corpo arder novamente, especialmente na área da minha machucadura. Depois, voltou aquele vento frio, que parecia tentar me livrar da água terrível que havia caído sobre mim. Enfim, voltei a ficar quieto, enquanto eles continuavam observando aquelas grandes telas, nas quais apareciam mais instrumentos que realizavam reparos em machucados de outros seres.

Fiquei observando aqueles seres e seus instrumentos, pensando qual seria o próximo passo. Meu coração pulou como um grilo ao olhar para um dos seres vestindo uma túnica de prata, com longas pinças direcionadas para mim. Quase desmaiei; por minha coragem abalada, apenas fechei os olhos, pois não podia demonstrar qualquer reação. Concentrei-me no que poderia acontecer naquele exato momento.

Com mãos gélidas, passei a me preocupar em exalar ao ar o meu sentimento de questionamento sobre meus pobres filhinhos, sobre os quais eu não tinha nenhuma informação, nem sabia onde estavam ou se ainda estavam vivos. Pelo jeito que eles me

tratavam, podia esperar qualquer coisa desses seres horripilantes que me prendiam e aterrorizavam.

Eles não demonstravam nenhum sentimento em relação à minha dor e sofrimento. Para eles, eu parecia um ser sem emoções, sem dor, sem medo e sem responsabilidade. Era como se eu fosse uma daquelas máquinas que possuíam e utilizavam a todo momento.

Se assim pensavam, por que ainda me temiam? Pelo meu entendimento, eles não sabiam que eu podia pensar e reagir de diversas formas. Para eles, eu era apenas uma máquina que os colocava em perigo.

Quando fui novamente atingido por aquelas enormes pinças, foi nos meus olhos. Eles foram abertos e um líquido foi introduzido, ardeu até o fundo do coração. Não sabia o que fazer, pois havia perdido totalmente a visão. Permaneci na mais completa escuridão, enquanto meus olhos pareciam estar em brasas. Agora, o desespero me dominava, e eu só pensava em não morrer, porque ainda tinha a esperança de, de alguma forma, ajudar meus filhinhos. Uma dor extrema, capaz de abalar até o mais forte de nossa espécie, pois, em confrontos, a dor não existia; mas na passividade, era insuportável. Eu não sabia o que fazer: se me revoltava e gritava de

dor ou se tentava ficar calado para não sofrer mais ataques daqueles seres estranhos que tinham a minha posse.

Momentos de extrema dor e angustia me assolava quando aos poucos fui recobrando a visão, mas o fogo que ardia em meus olhos me deixava meio atordoado sem saber onde estava e o que fazia ali, era como se eu estivesse em lugar desconhecido e começando a perceber o que estava ocorrendo. Não sei como pude suportar tamanha dor. Somente o Ser maior era o que ainda me animava na busca de uma ajuda para meus filhinhos. Tudo isso me fazia lembrar quando a mãe deles desapareceu numa busca de alimentos na grande mata onde estava a nossa morada. Durante o final daquele dia e durante a noite eu andava na escuridão e em meio a brados de outros seres que andavam por perto de nossa casa, fiz a procura durante toda a noite e vários outros dias sem a menor possibilidade de encontrá-la, sequer ouvir seus brados foi possível. Nunca mais a vimos e dela só restava o alento de que fora uma mãe inigualável e que deixara uma profunda imagem de companheirismo que ela havia representado para nossa família.

Eu solitário, os meus filhinhos sozinhos sem poder contar com a ajuda de sua mãe tão prestimosa, o que fazer e todo instante era motivo para eu pensar

em me rebelar e tentar gritar o mais alto possível, mas no mesmo instante eu me retraía porque estava em risco a possibilidade que eu tinha de uma vez livre das garras daqueles seres, ajudar os meus filhinhos que a cada momento mais eu temia por suas vidas.

Nunca havia experimentado uma situação daquelas em que me encontrava preso e incapaz de esboçar um único grito de dor, devido à impetuosidade daqueles seres. Eles já haviam demonstrado do que eram capazes: poderiam tirar minha vida apenas por emitir um som mais alto, pois isso os colocava diante de um medo do desconhecido tão intenso que, por isso, me sufocariam ao menor gemido de dor, algo que, em nosso lar, poderíamos expressar sem consequências. Eu estava literalmente enjaulado e subjugado dentro daquela nave, sem sequer poder manifestar minha indignação diante do que estavam me fazendo.

Sempre concebi um Ser maior e imaginava que esses seres também pudessem ter uma compreensão maior, reconhecendo que nós também sentimos, e que esses sentimentos eram a razão de nossa existência. No entanto, conforme o tempo passava, mais desacreditava na possibilidade de algum desses seres imaginar que somos criações de um mesmo Criador.

A dor e o sofrimento pairavam sobre minha cabeça. Esse sofrimento teria fim? Por mais que tentasse manter-me calmo, não conseguia; o desespero que me assolava era intenso. Será que Deus teria criado aqueles seres tão cruéis, ou eles foram originalmente bons e, agora, se tornaram uma espécie de devoradores dos sentimentos alheios?

Quanto mais eu teria que sofrer para satisfazer aquela curiosidade deles? Só poderia ser curiosidade, pois pareciam seres mais evoluídos, talvez uma evolução equivocada, na qual a compaixão não existia. Somente a curiosidade guiava suas ações, às custas do sofrimento de outros seres considerados inferiores por eles.

Meus filhinhos, onde estarão agora, passando pelas mesmas atrocidades que eu? Eles são a razão pela qual consigo suportar toda essa crueldade. Se não fosse assim, já teria me revoltado e talvez até deixado de lutar, vivendo sem tanto sofrimento. Assim como quando um de nós enfrenta um inimigo: com toda a força de nosso ser, combatemos de igual para igual ou nos entregamos à morte com a esperança de uma vitória. Tudo isso é feito em defesa de nossos familiares e do nosso grupo. Essa morte, porém, não traz sofrimento, pois ela faz parte de nossa natureza e é necessária para o desenvolvimento de nossa espécie.

Agora, transportado dentro de uma jaula completamente protegida por pequenas hastes de ferro luminoso, permaneci por horas a fio sem poder sequer me mover, pois aquelas hastes exalavam um fogo estranho que fazia minha pele arder, como se estivesse queimando. Aos poucos, fui entendendo que não podia tocá-las e, assim, permaneci ali por um tempo indeterminado, sem que eles fizessem qualquer intervenção em meu corpo, como até então haviam feito.

O sol despontou deixando uma leve e tênue claridade entrar pelo local, agora um local completamente diferente de minha moradia, onde a floresta e a natureza exalavam o perfume da pureza do ar que respirava, ali um local estranho com muitos e variados aparelhos e seres vestidos de diferentes formas. Todos reunidos e grunhindo cada vez mais e de vez em quando apontavam para mim que estava no centro do local onde todos me rodeavam. Os grunhidos para mim eram incompreensíveis e continuamente olhavam para uma grande tela que estava dependurada na parede, onde viam a mim e todas as atrocidades que me fizeram.

Não pude dormir pois a dor era grande e acho que estava me sentindo estranho como se um fogo me queimasse e não conseguia parar de tremer pois um frio intenso me martirizava, acho que era por causa

dos ferimentos, pois em outras vezes passei pelo mesmo estado quando em luta e ferimento para salvar a nossa turma. Com o passar do tempo eu conseguia reagir e o meu estado ia modificando e eu me sentia melhor e com coragem para recomeçar a luta pela sobrevivência, pois algo dentro de mim me empurrava para continuar fazendo o costumeiro.

Este novo dia me trazia o desespero, pois não sabia o que estes monstros fariam comigo desta vez, mas sempre procurei permanecer inerte para não despertar o medo nos seres que me torturavam.

Logo começou as movimentações e um dos seres tocou-me com uma pinça e como não fiz menção de reagir começaram a ligar outros aparelhos, com um dos quais me introduziu um canudo até minha narina e sopraram ar fresco o que aliviou um pouco o estado em que me encontrava, embora aquele canudo tenha feito eu sentir imensa dor, mas procurei não demonstrar qualquer reação, pois sabia que a reação poderia causar mais problemas para o meu tão sofrido corpo.

Não pensava em outra coisa além da situação dos meus filhinhos: onde estariam, o que teria acontecido com eles. Somente o Ser maior poderia ajudá-los, e eu, constantemente, mergulhado no desespero e na dor que me atormentava cada vez

mais, sentia minha perna inflamada; qualquer movimento que eu fizesse provocava mais dor. Sempre que possível, fazia um pedido a Ele: que, ao menos, protegesse os meus filhinhos, que, inocentes, não poderiam se tornar mais uma vítima daqueles seres desalmados que nos capturaram naquela noite fria.

Num dado momento em que já começava a nova noite, ouvi um forte estrondo e a terra tremeu violentamente, espalhando clarões imensos na floresta onde nos encontrávamos. Isso fez com que aqueles seres torturadores comesçassem a resmungar de forma desesperada, ligando os aparelhos da grande nave, onde ocorria aquele imenso abalo que atingiu todo o planeta, principalmente em um grau mais elevado onde estávamos. Após muitos grunhidos, percebi que eles estavam enfrentando dificuldades para permanecer naquele local. Eles se voltaram para mim e, num gesto desesperado, desligaram alguns instrumentos que estavam conectados a mim, lançando a cela onde eu estava para longe da nave, e, em uma rápida movimentação, sumiram com suas naves, sem se importar com o que tinha acontecido comigo. Novamente, senti-me impotente para sair daquela cela, e novamente recorri ao Ser maior, pedindo sua ajuda para me libertar

daquela prisão e ir ao encontro dos meus amados filhinhos.

Aqueles seres que nos aprisionaram faziam parte de uma equipe que buscava utilizar-nos para realizar experimentos, com o objetivo de encontrar uma forma de escapar da prisão em que se encontravam no interior do planeta. Seus corpos haviam sido modificados por avanços científicos que lhes permitiam sobreviver no interior do planeta sem a necessidade de oxigênio. O planeta, então devastado, não permitia que qualquer ser sobrevivesse diante da destruição causada por artefatos atômicos. Além disso, uma grande devastação da natureza ocorreu devido à negligência de seus habitantes da época, que envenenaram a água, destruíram as florestas, e exterminaram todas as espécies de vegetais e animais que existiam no planeta.

Esses seres conseguiram, graças ao seu avanço científico, construir um corpo físico que sobrevivia sem a necessidade de oxigênio; por isso, não eram atingidos pela radiação resultante das explosões das bombas atômicas utilizadas durante a guerra mais cruel, que colocou fim à vida no planeta. Em virtude desse estágio avançado de conhecimento científico, operavam exclusivamente por meio de inteligência artificial. Essa condição os tornava

incapazes de sentir emoções; ou seja, eram uma espécie de robô, indiferentes ao sofrimento que poderiam causar às suas vítimas.

Como vimos, esse planeta foi devastado por seus habitantes de maneira violenta, cujas ações contrárias à Lei da Harmonia anteciparam a extinção da vida em sua superfície. Assim como todos os planetas possuem um período determinado para iniciar uma segunda fase de evolução, este, ao não atingir o tempo necessário, passou por uma reconstrução em que o desenvolvimento da vida ocorreu novamente no mesmo nível de quando se deu no início de sua formação.

SEGUNDA

PARTE

UM PLANEJAMENTO NECESSÁRIO

Todas as individualidades são formadas com o propósito de se desenvolverem rumo à perfeição, que é a finalidade para a qual foram criadas, tendo como destino expandir o espírito do Criador. Para que isso aconteça, elas vão, aos poucos, adquirindo a capacidade de agir de acordo com os ditames das regras da harmonia, o que lhes proporciona o aperfeiçoamento necessário para cumprir seu propósito.

Quando uma individualidade inicia sua caminhada, ela o faz passando pelo reino mineral, posteriormente transitando pelo reino vegetal, e, por fim, ingressando no reino animal, onde adquirirá o livre arbítrio. Com esse livre arbítrio, ela realizará seu aprendizado evolutivo consciente, o qual a conduzirá ao aperfeiçoamento e, conseqüentemente, à sua integração ao espírito do Criador, contribuindo para sua expansão.

Para que tudo exista, é necessária uma longa caminhada, durante a qual diversas variáveis irão ocorrer. Assim como o universo, que é repleto de planetas responsáveis por proporcionar

oportunidades e condições essenciais para que as individualidades possam realizar seu aprendizado e evolução, esses planetas são compostos por um plano físico e um plano espiritual.

No plano físico, as individualidades atuam de acordo com o aprendizado adquirido em cada encarnação, construindo-se conforme a convivência exercida na família e na sociedade. Nesse processo, o cérebro armazena toda essa trajetória, que orienta suas ações no dia a dia. Já no plano espiritual, as individualidades passam por um estágio no qual podem se programar para adquirir o aprendizado necessário ao seu aprimoramento. Nesse estágio espiritual, elas fazem um retrospecto do que realizaram em sua última encarnação e do que aprenderam, para que possam colocar em prática atos que as tornem conscientes na sequência de sua caminhada evolutiva.

Como já afirmamos em outros textos, a individualidade, quando no mundo espiritual, se programa para uma nova vinda ao mundo físico. Cada uma possui seu banco de memórias espirituais, onde tudo o que já viveu, desde o seu início, fica arquivado. Essas memórias só são reveladas em casos especiais. Por outro lado, durante suas vindas ao mundo físico, o passado permanece oculto,

permitindo que ela desempenhe seu aprendizado sem a interferência dos atos praticados anteriormente.

Dessa forma, para que seja possível iniciar uma nova etapa de aprendizado, é necessário que, no mundo espiritual, as individualidades se preparem e estabeleçam suas prioridades, bem como decidam onde e com quem irão viver. Isso permitirá que o ambiente ao seu redor proporcione os meios necessários para que possam aprender sobre o tema escolhido.

Assim, o casal Cao e Cala participou da escolha daquele local onde poderiam realizar um aprendizado para compreender os problemas que haviam causado durante sua última estada no mundo físico. Eles optaram por estar na companhia dos filhos, gerados a partir do material genético fornecido por eles, cujo resultado foi extremamente doloroso para os rebentos. Essas crianças enfrentaram as circunstâncias mais difíceis, nas mãos de seus criadores, cientistas envolvidos no experimento.

Com esse experimento, os cientistas aprimoraram suas técnicas e formularam a criação de uma droga genética que trouxe inúmeros problemas aos moradores daquele planeta. Eles sofreram as consequências de atos impulsionados por uma

ambição relacionada à programação de seres geneticamente modificados. Como resultado dessa situação, surgiu um problema ainda mais grave: a expansão dos experimentos genéticos que resultaram na formulação de uma droga genética, que levou milhares de pessoas a apresentarem diversos distúrbios físicos e emocionais.

Como já mencionamos anteriormente, as reações aos atos praticados em desacordo com a lei de harmonia geram oportunidades de aprendizado. Toda essa história possibilita esse entendimento, tanto para o casal quanto para as pessoas que tiveram conhecimento do acontecimento. Muitos dos cientistas que participaram dos eventos naquele planeta, onde Cao e Cala forneceram conscientemente o material genético para a realização daquela experiência com as duas crianças formadas em laboratório, estão agora desfrutando de situações bastante distintas, que lhes permitem interiorizar os sentimentos que aquelas crianças tiveram de reprimir, devido a uma ciência que desconhecia a verdadeira constituição dos seres humanos.

A cegueira que os contemplava na ocasião foi o elemento principal para que tudo aquilo acontecesse. Nesta história, podemos perceber como o resultado de ações como aquelas pode interferir na vida das individualidades. Esse resultado, quando

aplicado na oportunidade de uma nova passagem pela vida corporal, vai ajudando-as a compreender o caráter educacional que elas possibilitam. Cao e Cala agora têm aquelas duas crianças como seus atuais filhos, e eles serão capazes de ensinar ao casal Cao e Cala que nunca se deve agir movido pelo orgulho, mas sim pela busca a verdade. Talvez eles não estivessem preparados para essa experiência, mas, se tivessem se revestido de um sentimento mais profundo, teriam descoberto que a realidade do mundo das individualidades era bem diferente daquela pregada pelos cientistas materialistas que os procuraram para realizar aquela famigerada experiência.

Dessa forma, vamos dar continuidade àquela história que busca identificar o que realmente acontece na vida das individualidades enquanto elas realizam seu aprendizado evolutivo ao longo de sua existência. O objetivo de toda individualidade é atingir a perfeição e, conseqüentemente, se integrar ao Criador após alcançar o aprimoramento necessário para consolidar a finalidade para a qual foram criadas.

Aquela explosão enorme, que assustou os moradores do interior do planeta, foi de uma intensidade imensa e destruiu todas as moradias das entidades que haviam sobrevivido ao clímax de explosões atômicas, as quais destruíram

completamente a atmosfera da Terra. Essa é a razão de eles serem moradores do interior do planeta, onde não necessitam da atmosfera para viver. Lá, construíram suas moradias e também conseguiram modificar seus organismos, permitindo-lhes suportar a vida em um planeta que permaneceu por milhares de anos sem atmosfera.

No momento da explosão, esses seres interioranos ficaram sem poder adentrar sua moradia, cuja entrada dependia de máquinas situadas no interior do planeta, responsáveis pelos procedimentos de entrada e saída daquele local. À medida que a explosão ocorria, esses seres foram sendo lentamente sufocados pelas próprias máquinas, que se destruíram automaticamente, levando consigo também seus controladores.

Como essas máquinas só funcionavam por um determinado tempo e seus aparelhos também estavam ligados a ela, o anel que me prendia à perna foi se esvaziando como uma sombra, e eu consegui me libertar daquela prisão. Fiquei um pouco atormentado e muito sem saber o que fazer naquele momento.

Minha perna dilacerada ainda doía muito, e, como não via meus filhinhos, procurei recuperar minhas forças para sair em busca deles. Olhei ao

redor, mas não os encontrei; novamente, um enorme desespero tomou conta de mim, pois não tinha a menor ideia de onde poderiam estar. Decidi que, já que a mãe deles havia desaparecido no dia em que ocorreram os fatos narrados, iria procurar por eles pelo tempo e lugar que fossem necessários, sem me importar com a minha dor.

Andei por vários locais, subi e desci morros, atravessei campos variados, tudo em cinzas, resultado daquela tremenda explosão. Apenas algumas áreas de terreno, ainda com parte da mata densa que ali existia, permaneciam intactas. Enquanto circulava por essas matas e terrenos cobertos de cinza, carvão e algumas ervas parcialmente queimadas, uma fuligem foi acumulando na minha perna. Essa fuligem acabou por aliviar a dor, e, após algum tempo, meus ferimentos cicatrizaram completamente.

Passei vários dias caminhando, alimentando-me do pouco que restava nas pequenas porções de mata e saciando minha sede em algumas pequenas fontes ainda existentes naquela desolação infinita.

Não fazia a mínima ideia de onde meus filhinhos poderiam estar, por isso passei algumas noites sem dormir, tamanha a angústia que me afligia. A cada hora que passava sem nenhuma

notícia deles, meu coração apertava ainda mais, e eu não tinha nenhum sinal deles. Cheguei a pensar que, talvez, eles tivessem desaparecido, assim como desapareceram nossos carrascos. Porém, sempre acreditava que isso não aconteceria, pois eles tinham uma constituição física diferente da deles.

Permaneci sempre fazendo pedidos ao Ser maior, para que Ele pudesse me orientar sobre como encontrar os meus filhinhos, pois agora era o que restava para essa minha sofrida vida de andante e procurador. Repousei novamente debaixo de uma grande árvore que encontrei em um desses redutos de mata remanescente do dia fatídico em que ocorreram aquelas explosões, pelas quais agradei, embora não pudesse fazê-lo plenamente, pois ainda não tinha encontrado os meus filhinhos. Mesmo assim, fiz os agradecimentos, esperando que logo estaria na companhia deles.

Imediatamente, senti uma enorme frustração, pois já não me preocupava mais com a mãe dos meus filhinhos, uma vez que ela havia desaparecido antes desses acontecimentos. Decidi, então, preocupar-me também com ela, e assim passaram a ser duas as minhas intenções: procurar pelos meus filhinhos e descobrir o que havia acontecido com a mãe deles.

Agora, a angústia era dupla. No mesmo instante, levantei-me, apanhei alguns frutos e bebi água na fonte próxima, antes de seguir em direção ao desconhecido, com a intenção de encontrar alguma pista que me indicasse o caminho para localizar meus queridos filhinhos e sua mãe. Novamente, passei dias andando, agora um pouco sem rumo, mas mantendo toda a esperança de que algo pudesse me orientar na direção certa para satisfazer o meu desejo de encontrá-los.

Passei mais alguns dias caminhando, agora seguindo um determinado rumo que surgiu de repente em minha mente. Agradei ao Ser maior por essa orientação, pois foi a única coisa que me ocorreu durante todo esse tempo. Caminhei por vales e morros, enfrentando uma difícil empreitada para descobrir o que me aguardava em relação aos meus filhinhos e, agora, também à mãe deles. Dormi ao relento, às vezes debaixo de chuva intensa, mas não me importava, pois havia encontrado um caminho a seguir com o objetivo de encontrá-los, seja onde fosse.

Depois de muito tempo, encontrei uma pequena casa feita de lascas de palmeira e coberta com algumas folhas de coqueiro. Aproximando-me na esperança de encontrar alguma informação, vi um casal de idosos, com idade bem avançada, dialogando. Ao ouvi-los, percebi que contavam uma

história muito diferente das informações que esperava encontrar. Eles conversaram comigo como se estivessem vivendo há muito mais tempo do que eu, pois conheciam coisas que eu nem suspeitava que existissem.

Eles tinham uma aparência de seres mais avançados do que meus compatriotas. Carregavam uma sabedoria muito especial e falavam como se soubessem tudo sobre o universo. Fiquei pasmo. Ouvi-os por horas e, aos poucos, percebi que eles provavelmente vinham de outro planeta, pois estavam em um estágio de sabedoria extremamente avançado. Tamanho volume de informações me sobrecarregou; senti-me como se fosse o mais desinformado de todas as formas de vida existentes no universo.

Durante o diálogo, me disseram que realmente vinham de um planeta muito distante e que estavam ali para ajudar na reconstrução dele, além de orientar seus habitantes para que não mais destruíssem o planeta da maneira como os antigos habitantes fizeram. Todo recomeço é uma tarefa difícil, pois tudo o que existia antes foi consumido pela própria natureza da Mãe Gaia, que, com sua sabedoria, havia criado para que o recomeço fosse adequado. O tempo para a passagem de fase ainda não havia se completado, por isso eles estavam ali para ajudar nessa reconstrução daquele planeta.

Milhares de anos haviam se passado, e somente agora, com o surgimento de corpos adequados, eles conseguiram estabelecer seu revestimento físico e começaram a multiplicar seus ensinamentos entre os habitantes daquele planeta. O objetivo era proporcionar uma nova direção, conduzindo os habitantes a uma vida mais centrada na harmonia, diferente daquela dos antigos moradores. Esse casal nos ensinou que, quando a individualidade não alcança determinado grau de evolução, ela automaticamente passa a viver em outro planeta que dispõe dos elementos necessários para reiniciar seu aprendizado.

É importante dizer que o planeta ainda estava em sua fase inicial de reconstrução, na qual os habitantes nativos começavam a agir de acordo com o livre arbítrio que recentemente haviam adquirido. Por isso, ainda viviam na selva e agiam como verdadeiros primatas, pois não possuíam conhecimentos científicos; seus espíritos ainda estavam presos no início da caminhada evolutiva. Eles nos disseram que já havíamos vivido muitas outras vidas em um planeta distante e que, anteriormente, havíamos agido em desacordo com a harmonia, o que resultou na mudança de planeta. Por esse motivo, estávamos ali, com o propósito de aprender a agir dentro das regras da harmonia. Após

longos diálogos com aqueles anciãos, já cansado da viagem, eles me ofereceram hospedagem e comida, com o que me deliciei. Como estava exausto das caminhadas, adormeci sem muitas conversas.

Acordei apavorado, pois estava dormindo ao relento, sem moradia e, muito menos, com meus interlocutores. Tudo ao meu redor era vazio, e isso me assustou ainda mais. Comecei a pensar que estava ficando louco, pois não sabia mais o que pensar. Novamente, busquei auxílio no Ser maior, pois me encontrava completamente perdido, sem saber o que fazer. Fiz os pedidos mais veementes para que Ele pudesse me orientar, pois havia perdido completamente a noção de tudo. Prostrado no chão, fiz um pedido sincero ao planeta, lembrando-me de que seu nome é Gaia, e suplicando que ela também me orientasse sobre como seguir em frente.

Comecei novamente a me deslocar pelas montanhas e vales que se estendiam à minha frente, agora sem um rumo certo, porém com o propósito de encontrar alguma coisa que me remetesse aos meus filhinhos e à mãe deles. Passei muitos dias andando sem um destino definido, até que, em determinado momento, apareceu à minha frente um ser estranho. Ele segurava uma grande espada e prometia resolver qualquer problema que surgisse, garantindo que eu pudesse confiar nele, pois havia percebido minha

aflição e estava ali para me ajudar no que fosse preciso. Assustado, pedi que ele me explicasse tudo o que havia acontecido comigo até aquele momento.

Ele se assentou no chão perto de mim, que também estava agora sentado, e começou a falar sobre toda a minha vida. Não apenas sobre o que tinha vivido neste planeta, mas também me contou uma grande história, dizendo que eu havia vivido em um outro planeta, muito distante daqui. Lá, eu era acompanhado por uma mulher, e juntos éramos os doadores de materiais genéticos para que cientistas realizassem uma experiência. Essa experiência tinha como objetivo criar seres dotados de raciocínio, mas que ficariam exclusivamente sob o comando dos próprios cientistas.

Constituídos os corpos pela doação de material genético nosso, esses dois seres formados tinham, cada um, seus respectivos espíritos, uma vez que não há formação de qualquer corpo sem que um espírito o integre, pois quem realiza a movimentação e confere a vida à matéria é ele. Para essa realização, dois espíritos, que necessitavam de aprendizado, integraram-se aos seus respectivos corpos formados em laboratório. Contudo, o que se destaca é a conduta dos cientistas, que agiram como se esses seres fossem apenas objetos ou máquinas, desconsiderando sua essência e seus sentimentos.

Essa postura resultou em maus-tratos e sofrimentos severos, levando esses seres a um sofrimento tão intenso que, incapazes de suportar, decidiram abandonar seus corpos físicos e retornar ao mundo espiritual.

Quando o planeta em que esses fatos ocorreram mudou de fase, eles também acompanharam seus provedores de material para o corpo físico, que foram trazidos a este planeta para dar continuidade aos seus aprendizados evolutivos. Fiquei pasmo com toda aquela história, porém não me lembrava de nada daquele acontecimento; apenas tinha consciência de que havia nascido neste planeta e de que tudo o que havia acontecido comigo até então era o que eu lembrava. Senti uma angústia ainda maior ao perceber que tudo o que estava vivenciando parecia um sonho, pois não podia acreditar que aquilo fosse verdade.

Ele me explicou ainda que tudo o que fazemos, especialmente se estiver em desacordo com as regras da Lei da Harmonia, um dia retornará em forma de problemas, para que possamos aprender com os erros do passado e assim adquirir um aprendizado que nos impeça de sofrer novamente as consequências de nossos atos, que são a aflição mais dolorida. Perguntei como poderia me responsabilizar por algo

que não sabia ter praticado, já que não tinha lembrança de ter estado em outro planeta.

Ele começou a me contar outra história interessante. Disse que eu havia feito tudo isso em outro planeta e que, quando esse planeta foi destruído pelos seus habitantes, seus moradores foram retirados dele por grandes naves que ali aportaram, levando todos os espíritos presentes. Alguns retornaram ao mesmo planeta após a passagem para a segunda fase, enquanto outros, como eu, embarcaram em uma longa viagem. Durante essa jornada, foi explicado o que aconteceria com cada um, devido ao fato de não terem alcançado a evolução necessária para passar para a próxima fase, na qual aprenderiam sem a presença do corpo físico que eu vestia.

Fiquei atordoado com aquela estranha história, da qual eu não fazia a mínima ideia do que se tratava. Pedi ao meu interlocutor, se fosse possível, que me mostrasse algo que me levasse ao local onde eu havia vivido como habitante daquele planeta. Ele prontamente me respondeu para que eu pensasse em algo extraordinário, algo que me permitisse ver os fatos de uma maneira mais prática do que apenas com um pensamento. Então, procurei adotar uma postura que me permitisse enxergar algo relacionado, num grande barranco que eu sempre encontrava

durante minhas caminhadas pelo terreno onde habitava. Nesse momento, no tal barranco apareceu uma espécie de placa branca, na qual surgiu uma imagem de tudo o que eu havia realizado naquele planeta.

Naquele barranco através da placa branca, passou como se fosse uma visão, revendo todas as ações que alguém tinha realizado. No entanto, não me convenci de que aquele ser era eu, pois parecia muito diferente do que realmente sou. Ele foi me explicando que somos corpo e espírito, e que o corpo é trocado de tempos em tempos; quando ele se desfaz, volta a ser terra novamente, pois todos os corpos têm um tempo de existência determinado. Ele também afirmou que o espírito é eterno e nunca morre. O espírito utiliza o corpo para realizar um trabalho de aprendizado, pois não é capaz de sentir sensações por si só; por isso, usa um corpo físico, que é constituído de material genético de diferentes doadores. Por isso, você não se lembra de quem foi ou onde esteve.

Mesmo com tudo isso, eu não acreditei que aquilo tivesse sido possível de acontecer. Precisei de mais alguma comprovação de que tudo aquilo não passava de minha fantasia. Ele me disse novamente que estava ali apenas para indicar o caminho pelo qual eu deveria seguir, em relação ao problema que havia patrocinado naquele planeta, e que eu deveria

continuar buscando pelos meus filhinhos e pela mãe deles, para que juntos pudéssemos vivenciar uma experiência na qual aprenderíamos que não se deve viver em função do que é material, do que traz apenas resultados para exaltar o nosso ego. O mais importante é viver de acordo com o que é sagrado e que vem da vontade do Ser maior, em quem eu acreditava profundamente e a quem havia pedido ajuda. Essa ajuda estava chegando para que eu pudesse viver de uma forma diferente daquela que até então tinha vivido. E, se eu desejasse intensamente, em breve encontraria meus amados filhinhos e a mãe deles.

Neste momento, por surpresa, o ser que estava à minha frente desapareceu como se fosse uma sombra passageira. Sim, aí eu não soube mais o que pensar nem o que fazer; senti-me completamente perdido, sem poder reagir. Joguei-me ao chão e dormi por várias horas, sem entender de fato o que estava acontecendo.

Acordei um pouco depois, com muita vontade de buscar mais informações sobre o paradeiro dos meus filhinhos e, agora, também da mãe deles, pois estava convencido de que algo extraordinário estava acontecendo comigo. Uma força irresistível pulsava dentro de mim, como se um vulcão estivesse me arremessando pelos ares, impulsionando-me a agir

com mais coragem e destemor diante de qualquer situação que surgisse no meu caminho. Peguei um galho de madeira verde, que se encontrava próximo ao local onde ocorreram esses fatos, e saí com uma determinação resoluta, decidido a encontrar o que buscava. Agora, com muito mais afínco e esperança, acreditava que logo os encontraria e viveria momentos maravilhosos ao lado deles, que era a coisa mais importante que eu desejava. Fiz promessas de, ao encontrá-los, levá-los a uma vida mais cheia de alegria, superando os momentos difíceis que tínhamos passado até então.

Comecei a entender que a coisa mais importante é estarmos em harmonia, primeiramente com a Mãe Gaia, e depois conosco mesmos, buscando compreender os significados dos problemas que surgem na vida de cada um. Percebi que devemos agir de acordo com a harmonia, pois sem ela não é possível viver sem tormentos. Essas reflexões me proporcionaram informações que antes eram inacessíveis no local onde vivia, pois ali todos ainda estavam em começo de evolução, após o livre-arbítrio. No entanto, possuía em meu espírito muitos conhecimentos que não conseguia acessar, por não saber como fazê-lo. Graças aos pedidos que fiz ao Ser maior, consegui chegar a esse entendimento, que agora me libertava do grande desespero que me

atormentava, pois agora sabia que, mais cedo ou mais tarde, encontraria meus filhinhos e sua mãe.

Após compreender o conhecimento que carregava no íntimo do meu espírito, comecei a sentir a necessidade de ocultá-lo, pois poderia ser mal interpretado caso revelasse tudo aquilo. Assim, minha intenção passou a ser apenas utilizar esse conhecimento, sem compartilhá-lo com meus compatriotas, uma vez que eles talvez não fossem capazes de compreendê-lo plenamente. Isso poderia gerar problemas para eles, pois ainda não tinham a experiência necessária para entendê-lo.

Neste momento, tomei um novo rumo para chegar aos meus queridos, pois minha confiança foi fortalecida pela interseção dos trabalhadores espirituais, que, agora, determinados pela providência divina, estão me acompanhando de perto nessa jornada. Essa busca não consistia apenas em sair e encontrar os meus queridos; para que isso fosse possível, era necessária uma longa caminhada, durante a qual diversos acontecimentos ocorreriam.

Por ser o meu deslocamento apenas o movimento das minhas pernas, segui na direção onde imaginava que meus companheiros de comunidade estivessem. No entanto, tinha muita dificuldade de me orientar, pois toda a estrutura da mata havia sido

alterada devido ao grande estrondo ocorrido. Assim, caminhei aproximadamente na direção que achava que me levaria ao local onde estavam meus companheiros de residência, com a finalidade de buscar ali, informações sobre o paradeiro de meus queridos filhos e da mãe deles.

Como tinha me deslocado daquele lugar há vários dias, fui realizando essa longa viagem de volta com o objetivo de encontrar o local da origem de todo o meu problema. Passei noites muito difíceis devido ao cansaço e à presença de alguns animais selvagens que encontrei pelo caminho. Esses animais, bastante famintos por causa da devastação da mata decorrente daquele incidente planetário, dificultavam meu avanço, obrigando-me a buscar um abrigo para não ser importunado por eles. Muitas vezes, precisei recorrer ao meu conhecimento de sobrevivência na mata para construir uma cabana que me protegesse dos animais e também me permitisse descansar, pois a viagem era longa e eu precisava recuperar forças para continuar.

A dificuldade de encontrar água e alimentos era tão grande que, em certos momentos, achei que iria perecer de fome ou sede. No entanto, a providência divina, por meio de seus trabalhadores, acabava me orientando sobre onde encontrar o que precisava para recuperar as forças e continuar a

busca que havia iniciado. Muitas vezes, senti-me obrigado a dormir sobre árvores, devido à dificuldade de evitar os animais selvagens, famintos, que encontrava pelo caminho.

Certa noite, depois de passar o dia inteiro pelas entranhas ou restingas do que restou da floresta, me vi acuado por um animal faminto que ameaçava me devorar. Parece que a providência divina me acolheu: à minha frente havia um grande fosso, causado pelas explosões anteriores, com bordas que apresentavam uma quantidade relativa de cipós que desciam até o fundo da vala formada por aquele acontecimento. Aproveitando esses cipós, desci até o fundo do fosso e, ali, senti-me seguro, pois o animal que me cercava não podia alcançar-me até aquele ponto. Assim, passei a noite naquele local, onde pude dormir e descansar da penosa caminhada, recuperando as forças.

No dia seguinte, quando o sol já estava no seu zênite, acordei e me dispus a subir por aqueles cipós para verificar se não havia nenhum perigo que me impedisse de retomar a viagem. Fui subindo lentamente e, ao me aproximar da borda da vala onde me encontrava, tive a grata satisfação de ser recebido pelo canto de alguns pássaros que estavam em um arbusto ao lado da vala. Essa cena me proporcionou grande alegria e me deu ânimo para recomeçar minha

caminhada em busca dos meus queridos filhinhos e da mãe deles. Como o sol estava no seu zênite, não pude desenvolver a caminhada como gostaria, devido ao calor intenso durante todo o dia. No entanto, ao se aproximar a tarde, consegui avançar de forma mais eficiente, pois o frescor que surgira me dava disposição e coragem para prosseguir na minha empreitada.

Novamente, chegou a noite e, como precisava dormir, procurei um lugar seguro para esse propósito. Caminhei um pouco mais na esperança de encontrar o local ideal e, mais adiante, avistei uma grande pedra. Em sua frente, havia uma pequena abertura que parecia uma entrada para uma caverna. Assim, arrisquei-me a adentrá-la e percebi que era o local perfeito para descansar, livre do perigo de ser atacado por algum animal. Recolhi algumas plantas que estavam no local e, com elas, preparei uma pequena cama. Fechei a entrada com alguns ramos, me curvei até o chão em reverência à Mãe Gaia e ao Ser Superior, reconhecendo sua proteção durante essa busca. Então, repousei tranquilamente até o amanhecer do dia seguinte.

Acordei novamente com o canto dos pássaros. Agora, completamente recuperado da caminhada do dia anterior, procurei alguns frutos na restinga de mato que havia por perto. Também encontrei uma

pequena mina, da qual me abasteci. Com uma pedra, quebrei um pedaço e consegui cortar um gomo de bambu que estava próximo. Imediatamente, fiz um pequeno furo no bambu com a mesma pedra, enchi-o com água da mina e retomei minha caminhada para continuar buscando alcançar meu objetivo.

Longa jornada por vales e morros, marcada por muita destruição nesses lugares. Encontrei apenas restingas de mato e as cinzas da devastação ocorrida naquele dia fatídico, quando meus algozes sofreram sua destruição, mais uma vez, por consequência da ira de Mãe Gaia, que decidiu acertar contas com aqueles seres que continuaram a ofender sua criação mais recente. Cansado de tanto caminhar, fui obrigado a descansar, desta vez no topo de uma árvore, onde vários galhos me acomodaram como se fosse uma das camas que usávamos em nossas cabanas.

Ao raiar do dia, acordei imensamente feliz e cheio de disposição para enfrentar mais um dia de caminhada. Caminhei por um bom período e, ao atravessar uma pequena mata, senti-me mais consolado, pois aquela extinção de vegetação e os buracos provocados pela explosão daquele dia fatídico já não existiam mais. Meu ânimo aumentou e meu pensamento era único: agora seria possível encontrar meus amados filhinhos e sua mãe, pois

estava livre daquele lugar inóspito. Algo me dizia que eu estava prestes a encontrá-los.

Caminhando por mais um tempo, encontrei uma pequena cabana, daquelas que costumávamos ter. Como ela estava vazia, adentrei-a e repousei tranquilamente. Ao amanhecer, comecei novamente minha caminhada e, um pouco mais distante, percebi que havia alguém correndo atrás de um animal. Percebi que era um caçador buscando sua presa. Quando ele se aproximou de mim, ficou parado, como se eu fosse uma assombração. Falei com ele, explicando quem eu era e que tinha saído daquela comunidade porque desejava procurar um lugar onde não precisasse obedecer a ordens que me impedissem de passar mais tempo com meus filhinhos; somente alguns momentos pequenos me eram permitidos estar com eles. O costume ali era que os filhos pertenciam à comunidade e não aos pais, pois precisavam ser educados de acordo com as regras da comunidade e não podiam receber qualquer instrução que não fosse aprovada pelo chefe supremo.

Parece que ele acreditou na minha fala e demonstrou muito interesse em ajudar a encontrar meus filhinhos, pensando que eu desejava retornar à comunidade e entregar as crianças para que fossem orientadas à sua maneira, como faziam com todas as crianças daquela comunidade. Então, ele me contou

uma história sobre uma mulher que se perdeu na mata enquanto buscava frutos para cuidar de seus filhos. Depois de muito tempo, ela foi encontrada quase desfalecida, e disse que tinha o pai deles como companheiro, mas que não sabia para onde as crianças tinham ido, pois ele sempre dizia que gostaria de encontrar um lugar onde pudesse estar junto aos filhos, ensinando-os com suas próprias palavras e saindo com eles. Desde então, ele nunca mais foi visto por aquelas bandas. Ele me orientou sobre como encontrar a comunidade onde poderiam estar as crianças.

Após a grande explosão, meus agressores desapareceram dentro de suas naves. Pude apenas sentir o impacto da gaiola onde me encontrava, que bateu fortemente no chão, quando eles a atiraram fora da nave. Assim que eles desapareceram, a grande gaiola também desapareceu, como por encanto. Quando minhas amarras, que me prendiam pela perna dentro daquela gaiola, foram soltas de forma aparentemente mágica, minha sensação foi de espanto diante do ocorrido. Ainda assim, continuei sentindo dores intensas devido ao ferimento causado por elas. Decidi então caminhar pelo meio do que restava da floresta, que havia sido semidestruída pelo tremendo estrondo.

Por vontade de encontrar meus filhinhos, caminhei continuamente, tentando esquecer as dores lancinantes. Andei por muito tempo por aquelas regiões, entre trechos de mata semidestruída e áreas completamente devastadas. Ao passar por esses locais, fui expondo minha ferida aos restos da floresta transformados em cinza e carvão, cujos resíduos eram absorvidos pelo ferimento na minha perna. Acumularam-se esses detritos, formando uma espécie de crosta composta por cinzas, carvão e algumas fagulhas de ervas que ainda permaneciam nas áreas onde restavam algumas pequenas porções de mata viva.

Tudo isso foi se acumulando em minhas feridas, e aos poucos comecei a sentir um certo alívio nas dores lancinantes que tinha quando iniciei minha caminhada. Em pouco tempo, percebi que havia encontrado uma maneira de curar aquelas feridas, mas não dei muita atenção a essa certeza, pois ainda acreditava que as dores estavam sendo superadas por causa da minha ansiedade de reencontrar meus filhinhos.

Quando a noite chegou, decidi pernoitar sob uma árvore frondosa, onde passei a noite. Ao acordar na manhã seguinte, tive a grata satisfação de perceber que aquele grande ferimento estava cicatrizando e que a dor já havia desaparecido. Então,

compreendi que as cinzas, o carvão e as plantas, associados, foram os elementos que proporcionaram a cura que se estava operando. Pensei: por que não observar melhor aquela crosta formada na minha ferida? Afinal, ela poderia servir de proteção para futuros ferimentos que pudessem ocorrer durante minha caminhada ou mesmo para os meus queridos filhinhos e sua mãe, caso necessitassem.

A maioria dos moradores daquela comunidade sabia do acontecimento da grande explosão, mas não conhecia os detalhes do que realmente havia ocorrido ou o motivo. Quando lhe contei que eu estava presente no local onde a explosão aconteceu, ele se assustou e passou a me olhar com um olhar de medo e pavor, o que me deu pena. Ele se encolheu tanto que quase tocou o chão com a boca e saiu em disparada, gritando.

Diante do ocorrido, rumei para a caminhada, desta vez meio desesperado, em virtude do espanto causado pelo meu interlocutor e em pensar que, se meus filhinhos e sua mãe estivessem naquela comunidade, dificilmente eu poderia estar próximo deles. Andei por um bom tempo, e, ao longe, avistei uma aglomeração de construções rústicas semelhantes àquela onde eu residira. Aproximando-me, fui recebido por um ancião, que me interrogou por um tempo e, após isso, disse que eu não era bem-

vindo naquele local, pois tinha sido indisciplinado em outra comunidade onde morara. Sua atitude de fugir daquela comunidade havia mudado a forma como todos deveriam obedecer ao chefe supremo. Essa atitude havia causado um grande problema, pois começou a reinar uma insatisfação, e muitos outros integrantes da comunidade passaram a se rebelar contra as determinações do chefe supremo, fazendo com que a paz que ali reinava fosse embora. Essa era a razão de eu não ser bem-vindo naquele local, que eu sabia não ser a comunidade onde eu morara. Quando saí da minha comunidade, caminhei por muito tempo procurando a mãe dos meus filhinhos, por isso o estranhar com o problema que surgiu em relação à minha deserção da comunidade.

Por causa do ocorrido, não consegui obter nenhuma informação que me levasse a encontrar meus queridos filhinhos e sua mãe. Decidi, então, caminhar novamente, agora sem a destruição provocada pelo estrondo naquele local onde eu estava. Na mata densa, tive dificuldade para caminhar; meu desenvolvimento como andador era limitado, pois tudo era difícil. No entanto, os alimentos e a água eram abundantes. Caminhei por vários dias até, finalmente, avistar ao longe sinais de fumaça, o que me animou, pois poderia ser a comunidade de onde eu saía. Ao me aproximar

daquele local, senti meu coração disparar, pois era, de fato, a comunidade de onde partira para aquela aventura.

Cheguei à comunidade e pude reconhecer vários moradores, mas não fui bem recebido, pois ainda guardavam mágoa por aquilo que eles consideravam uma deserção, cometida por alguém que desejava impor suas próprias regras em um lugar onde havia alguém responsável por coordenar o desenvolvimento das pessoas que compunham aquela comunidade. Penitenciei-me e procurei informações sobre o que havia acontecido com a mãe dos meus filhinhos. Um ancião, comovido pela minha história, passou a me fornecer algumas informações que talvez pudessem responder à minha ansiedade.

Este ancião disse que ouviu de vários moradores da comunidade que essa mãe esteve procurando comida na mata e, por ter se adentrado demasiado nela, não conseguiu retornar, pois a noite chegou. Ela ficou sem saber para onde seguir, pois naquela ocasião a lua não estava brilhando o suficiente para ajudá-la a se orientar em busca do caminho de volta à comunidade. Ela permaneceu na mata por vários dias, sem saber como retornar. Foi nesse período que eu saí com meus filhinhos, pois não sabia onde ela estava e o tempo que eu tinha

disponível para me retirar da comunidade já havia se esgotado.

Este tempo foi determinado por ordem do representante do chefe supremo, após eu ter sido aconselhado a desertar, pois minha atitude não era considerada aceitável naquela comunidade. Isso porque minha postura poderia provocar uma rebelião, o que não deveria acontecer, já que aquele lugar era uma comunidade voltada exclusivamente para o desenvolvimento de seus moradores.

Ele ficou sabendo de que, após a explosão ocorrida nesses dias, alguns moradores de outra comunidade encontraram duas crianças perdidas na mata. Essas crianças foram rapidamente recolhidas por pessoas de uma terceira comunidade, que ficava mais próxima ao local da explosão. Depois de algum tempo, soube também que a mãe das crianças havia sido encontrada, e atualmente todos estavam reunidos naquele lugar, aguardando o retorno do pai delas.

As crianças relataram o sofrimento que enfrentaram na ocasião em que foram enjauladas junto com o pai, observando a agonia dele durante o interrogatório realizado dentro daquela grande casa voadora e iluminada. Os filhos foram levados por pessoas bastante estranhas que se encontravam

vestindo roupas incomuns e usando máquinas que eles nunca haviam visto antes. Através de uma dessas máquinas, foram levados para um lugar bem distante de onde ocorreu a explosão. Eles disseram que não foram agredidos como foi o pai, mas ficaram muito assustados e, desde então, nunca mais tiveram notícias de seus pais.

Este ancião ficou pasmo com meu desespero por saber onde eles se encontravam e se ofereceu para me acompanhar até encontrar um local seguro de onde eu pudesse chegar até aquela comunidade onde estavam meus queridos filhinhos e a mãe deles. Caminhamos por muito tempo até chegarmos a um determinado lugar, onde havia um morro bem alto, de onde se podia ter uma visão ampla de uma vasta região que abarcava várias comunidades.

Neste local em que chegamos ao escurecer, construímos, com materiais disponíveis, uma pequena cobertura e ali mesmo pernoitamos. Ao raiar do dia, o sol nos proporcionou uma energia muito forte, da qual me abasteci, despedindo-me com agradecimentos ao ancião que me ajudou nessa empreitada, na busca pelos meus queridos filhinhos e pela sua mãe. Ele partiu com serenidade, desejando-me muita sorte no caminho em que eu continuaria minha busca.

Pela mata, caminhei por várias horas e, no entardecer, aproximei-me de uma comunidade onde moravam inúmeras famílias. Solicitei a um guardião, que se encontrava a postos em um local com uma grande abertura semelhante a um portal que, na minha imaginação, era o ponto por onde os moradores entravam e saíam, se ele sabia de uma mulher e duas crianças que estavam desorientadas e haviam chegado ali há algum tempo.

Esse guardião me recebeu com amabilidade e me conduziu até um ancião que parecia ser o chefe daquele local. Ele fez um gesto indicando que eu me assentasse em um tronco de madeira, situado em um grande pátio onde eram realizadas homenagens ao Deus Sol, à Deusa Lua, às miríades de estrelas no firmamento e à Grande Mãe Gaia.

Ele se assentou próximo a mim e começou a dizer que aquele espaço era sagrado e reservado às manifestações religiosas de sua tribo, onde pediam proteção ao Ser superior e ofereciam frutas do bosque, que utilizavam como alimento, para que os habitantes daquele local pudessem sempre desfrutar de refeições simples e frugais. Ele explicou que recebiam pessoas vindas de outras comunidades em busca de paz e tranquilidade, as quais muitas vezes não encontravam em seus próprios lugares de origem.

Ele também mencionou que ali havia uma senhora idosa que conversava com aqueles que buscavam conselho sobre as ocorrências diárias, as quais muitas vezes causavam sofrimento por parte dos membros de suas tribos. O homem afirmou que todos aqueles que procuravam aquele espaço eram bem-vindos e recebiam orientações sobre como agir. Se alguém não tinha onde morar, eles encontravam uma solução para que as pessoas pudessem se integrar aos demais membros da tribo, garantindo um local de moradia e um espaço adequado para realizar suas atividades, promovendo assim uma convivência pacífica.

Depois, pediu-me que contasse minha história e o motivo de estar ali. relatei tudo o que tinha acontecido comigo, por que saíra da minha tribo e tudo o que tinha ocorrido até aquele momento. Ele fez uma reverência e me disse que muitas coisas acontecem em nossas experiências para que possamos, de uma maneira mais simples, entender por que surgem as dificuldades com os habitantes do planeta. Também me orientou a aceitar tudo o que estava acontecendo, pois, cada uma dessas situações tinha um propósito de existir. Pediu que eu sempre solicitasse ao Ser Maior proteção e iluminação para agir, buscando tranquilidade e agindo sempre em harmonia, pois essa harmonia é que rege todo o

planeta. Ele explicou que tudo vinha do Ser Superior, que nunca fez nada que prejudicasse alguma de suas criaturas, e que eu precisava compreender que tudo o que existia pertencia a Ele, sendo Ele o único capaz de fazer algo com elas.

Ao chegar ao entardecer, fui levado a uma cabana, onde me foi permitido alimentar-me e descansar, para que, no dia seguinte, após algumas orientações, pudesse saber sobre meus amados filhinhos e sua mãe. Quase não consegui dormir de tanta ansiedade, aguardando o amanhecer para obter notícias dos meus queridos filhinhos e da mãe deles. Ao despertar, o ancião veio bater à porta da cabana e me pediu para acompanhá-lo. Fiz isso com grande satisfação. Ao chegarmos a outra cabana, foram-me apresentados meus filhinhos e sua mãe. A mãe deles me recebeu com grande desprezo, e meus filhinhos se recusaram a tocar-me; sequer se aproximaram de mim. Disseram que não me reconheciam, pois eu os tinha retirado da comunidade onde viviam e os levado para um lugar horrível, onde passaram por importunações e sofrimento.

Disseram que foram jogados no meio da floresta sem que lhes fosse oferecido qualquer amparo ou orientação sobre o caminho a seguir para encontrar alguém que pudesse socorrê-los. Eram criaturas pequenas, que quase não conseguiam

encontrar alimentos. Sem compreender por que o pai agira daquela forma, ficaram revoltados e passaram a não querer mais falar comigo. A mãe deles também me ignorava, pois acreditava que eu a havia abandonado, uma vez que havia ido para a mata em busca de alimento. Como havia demorado um pouco mais que o habitual, ela achou que eu havia pegado nossos filhinhos e fugido daquela comunidade sem avisar ninguém, deixando-os sem nenhuma possibilidade de serem encontrados.

O ancião me pediu paciência, pois aquele era um caso muito difícil de ser resolvido. Os meus filhinhos não entenderam que o que eu havia feito foi uma tentativa de proporcionar a eles um lugar melhor para viver. Pelo contrário, sempre acharam que minha atitude fora muito ruim e que eu os havia levado para um local diferente, abandonando-os no meio do sofrimento. A mãe deles também acreditava que fora abandonada por ele e que essa ida tinha sido uma forma de se libertar de meus problemas, além de considerar que essa não era a melhor atitude a ser tomada na situação.

O ancião me aconselhou a ter paciência e a rumar para a cabana onde havia pernoitado na primeira noite, recomendando que permanecesse ali até que tudo fosse resolvido. Ele explicou que era necessária a intervenção daquela senhora idosa para

solucionar todo o problema, pois a situação tinha deixado meus filhos e sua mãe em um estado de confusão bastante complicado. Disse também que agora dependeria de muita paciência e que eu precisaria demonstrar disposição para conviver com eles de uma maneira diferente, a fim de que a mágoa pudesse desaparecer.

A mãe dos meus filhos também já havia passado por uma situação semelhante, na qual eles se sentiram abandonados por ela. No entanto, com o tempo e as orientações daquela senhora idosa, ela conseguiu compreender os problemas deles, passou a cuidar deles e, atualmente, fazia com que se sentissem amparados e amados.

Foram muitos os dias em que me senti amargurado pela demora em conseguir me entender com meus filhinhos e a mãe deles. Como agora fui acolhido por aquela comunidade, passei a ajudar na manutenção das cabanas e na busca por alimentos. Também ajudava a preparar os objetos para as celebrações realizadas no grande pátio. Comecei, ainda, a participar daquelas orações ao Ser Maior, aos animais, à floresta e às águas. As celebrações eram realizadas ao entardecer, e todos os habitantes daquela comunidade participavam. Sentia-me bem, pois, mesmo de longe, podia ver meus filhinhos e a mãe deles.

O sofrimento causado pelo distanciamento era extremamente torturante. Estar próximo deles e não poder sequer conversar me desesperava, especialmente por ter que esperar, não sei por quanto tempo, até chegar o momento certo de fazer a reconciliação com meus filhinhos e a mãe deles. A dor da separação, mesmo estando tão perto da presença deles, era muito mais difícil de suportar. A angústia era tanta que cheguei a pensar que, se aquela situação nunca fosse resolvida, eu viveria para sempre naquele estado de desolação.

Certo dia, a senhora conselheira enviou-me um recado solicitando que eu comparecesse à sua tenda para conversarmos um pouco. Imediatamente, dirigi-me ao encontro dela, que me pediu para tomar assento em um local onde ela já se encontrava. Então, ela começou a falar-me sobre vidas passadas. Explicou-me que temos um corpo físico e que, dentro dele, existe um espírito. Esse espírito, segundo ela, não morre; o que morre é apenas o corpo físico. Ela ressaltou que é importante pensar que, muitas vezes, as individualidades, ou seja, espírito e corpo físico, permanecem neste planeta para realizar um aprendizado, que consiste em agir de acordo com as regras da harmonia, as quais governam todo o planeta e todas as coisas que nele existem. Quando essas regras não são cumpridas, surgem

dificuldades, justamente para que as individualidades possam aprender a respeitá-las.

Ela foi me esclarecendo que tudo o que existe possui um rumo certo; a Terra, os vegetais e os animais seguem automaticamente esse percurso. No entanto, quando algumas dessas individualidades agem contra a harmonia do desenvolvimento de tudo o que existe, pode ocorrer uma reação desagradável para demonstrar que aquilo que foi feito não estava de acordo com as regras. Ela também me disse que apenas os animais mais esclarecidos, como é o nosso caso, podem agir contrariando essas regras, pois tudo o que mais existe não é capaz de desrespeitá-las.

Esta senhora me disse que muitas vezes as pessoas agem de maneira que prejudica os outros, motivadas pelo orgulho, e que essas atitudes acabam levando-as a vivenciar experiências que as fazem refletir e agir de forma diferente. Isso me fez pensar bastante sobre o que eu teria feito para passar por essas mesmas situações. Ela também afirmou que essas experiências não permanecem como um conhecimento consciente das individualidades enquanto elas estão reencarnadas no corpo físico; caso contrário, a pessoa não aprenderia, mas acabaria esquecendo, o que a faria cometer os mesmos erros novamente.

Comecei a fazer um retrospecto de minha atuação enquanto estava consciente de estar vivo e não consegui entender por que tudo aquilo estava acontecendo comigo, assim como aconteceu com a mãe dos meus filhos. Passei muito tempo querendo saber o que havia feito para que tudo aquilo acontecesse, mas não obtive resposta. Então, comecei a pedir ao Ser Maior que me ajudasse a compreender por que aquilo estava ocorrendo comigo. Como não recebi uma resposta imediatamente, procurei fazer minhas próprias observações e cheguei à conclusão de que, se estou sendo evitado pelos meus próprios filhos, deve haver algo que eu preciso aprender com isso.

Naquela mesma noite, enquanto descansava, tive a compreensão de que os filhos, que vieram de um casal, devem ser amados primeiramente por eles e, depois, por toda a comunidade. Assim, decidi não estabelecer regras para o meu encontro com eles e, dentro de mim, surgiu uma forte vontade de oferecer a proteção que não havia proporcionado até então. Penitenciei-me por ter agido de forma que eles sofreram muito.

Dessa maneira, procurei a senhora conselheira e lhe disse que estava compreendendo que tudo o que estava passando indicava que eu havia agido de maneira errada. Agora, entendendo

meu erro, iria fazer o possível para cuidar devidamente dos meus filhinhos, sem me importar com o que eles pensassem de mim, até que pudessem me perdoar e eu pudesse ser feliz com eles e com a mãe deles.

Após muitos dias em que já estava me resignando à situação que vivia, procurei participar mais das reuniões da comunidade e ajudar nos trabalhos comuns, nos quais vários saíam para buscar alimentos e trazer materiais para as reformas das moradias. Fui realizando esse trabalho constantemente, com o objetivo de me exercitar a viver em comunidade e de acordo com as regras estabelecidas pelo costume dos moradores que ali estavam há bastante tempo.

Por causa do tempo em que servi naquela comunidade, eu participava ativamente das celebrações no grande pátio. Em determinado momento, percebi que a mãe dos meus filhinhos estava próxima ao local onde eu me encontrava e não escondeu sua curiosidade ao me ver participar ativamente das celebrações. Pude perceber naquele olhar de curiosidade dela em relação a mim, o que me deixou ainda mais entusiasmado, pois logo poderia revê-la, assim como a deixara na fatídica saída que fiz da comunidade.

Muito animado e ansioso, procurei não fazer nada, apenas olhei com grande carinho para ela e me penitenciei, continuando meu trabalho na celebração. Naquela noite, dormi serenamente, pensando que o dia da minha remissão estava cada vez mais próximo. Como as celebrações sempre aconteciam nos finais de semana, aquela semana passou tão depressa que não percebi que já estava em outro fim de semana, tamanha a minha ansiedade, pois acreditava que o encontro poderia estar bem mais próximo do que eu pensava.

No dia da celebração, coloquei-me no lugar de sempre. Durante o evento, o coordenador anunciou que haveria um momento em que todos os presentes poderiam fazer um pedido, seja de reatamento de amizades ou de perdão às pessoas que os ofenderam. O objetivo era que aqueles que se sentissem incompletos pudessem fazer uma reflexão profunda, avaliando a possibilidade de reatar as amizades ou de falar com alguém com quem se afastaram. Esse momento especial seria realizado sob as bênçãos do Ser Maior, que tudo amparava.

Durante a celebração, pude perceber que a mãe dos meus filhinhos se colocou em um local onde eu pudesse vê-los adequadamente. Notei também que ela estava ansiosa para falar comigo e trazer os meus filhinhos para perto, os quais, pela primeira vez, me

fitavam como quem deseja realmente me conhecer. Durante a celebração, que ocorria normalmente, pedi ao coordenador se poderia contar uma história e, com ela, compartilhar tudo o que realmente aconteceu comigo desde o dia em que me ausentei daquela comunidade até o momento em que fui recebido por essa com grande afeto por todos os habitantes.

O coordenador afirmou que aquele era o momento adequado para tais realizações e me concedeu a palavra para que pudesse apresentar tudo o que desejava. Levantei-me com uma expectativa muito grande, sem saber exatamente o que dizer primeiro. Em meus pensamentos, fiz um pedido ao Ser Maior para que me ajudasse a expressar meu pedido de perdão em público, de modo a demonstrar que, embora tivesse acreditado que minha ação estava correta, desejava que ela fosse vista apenas como uma vontade minha, sem a intenção de prejudicar alguém.

Em pé, com o suor escorrendo pela minha face, comecei a contar a minha história, detalhando todos os fatos possíveis, com o objetivo de relatar com fidelidade o que realmente aconteceu do início ao fim daquela viagem e as razões que a motivaram. A senhora idosa se aproximou de mim e me levou ao encontro de meus queridos filhinhos e de sua mãe. Um abraço entre todos nós surgiu, e as lágrimas

começaram a escorrer incontrolavelmente, sem que ninguém pronunciasse uma única palavra, apenas emoções.

Todos os presentes se emocionaram, e o ancião começou a falar sobre como as coisas acontecem, explicando que, se as pessoas desejarem, sempre surgirá uma oportunidade para o aprendizado se realizar. Ele afirmou que os fatos acontecem para que as pessoas possam aprender com eles e que o sofrimento é uma lição a ser buscada por meio dessas experiências. Ainda, comentou que, assim como fomos recebidos naquela comunidade, poderíamos permanecer nela pelo tempo que desejássemos, e que, a partir de agora, todos deveriam aproveitar cada ocorrência difícil para buscar o entendimento correto do que devem ou não fazer.

Após aquela magnífica celebração, dirigi-me com meus amados a uma tenda especialmente preparada para a nossa família. Depois de muitas reflexões, nos acomodamos e tivemos um sono muito reparador. Durante o sono, tive a impressão de ter sido levado a um lugar completamente diferente daquele em que estávamos. Nesse local, havia muitas pessoas sofrendo, e eu vi um casal exaltando-se por terem sido autores de experiências que eu não consegui compreender. No entanto, essas

experiências trouxeram muito sofrimento para algumas pessoas que habitavam aquele lugar. Também apareceu uma visão da terra completamente sem cobertura, e, num instante, tudo se acabou, o planeta escureceu.

Na manhã seguinte, meus filhinhos e a mãe deles me disseram que não esperavam que aquela fosse a verdadeira história que haviam vivido, e me agradeceram por ter esperado que tudo se resolvesse da melhor maneira possível. Fiquei muito impressionado com aquele “sonho” e procurei a senhora idosa para saber o que poderia ter ocorrido. Ela prontamente me atendeu e explicou que o Ser Maior criou este planeta e muitos outros para que as coisas que ele criava pudessem se desenvolver e, conseqüentemente, se aperfeiçoar, até que pudessem fazer parte dele, permitindo que outras coisas fossem surgindo.

Ela também me disse que aquele “sonho” era, na realidade, uma explicação do que havia acontecido conosco em um planeta distante e que nosso comportamento naquele planeta havia gerado muitos problemas, causando uma infinidade de situações que afligiram muitos habitantes daquele local. Nossa ação provocou uma cadeia de reações, impulsionadas por pessoas que estavam sendo incentivadas por nossos atos naquele período. Além disso, afirmou que

os fatos ocorridos recentemente foram uma oportunidade para aprendermos que devemos agir sempre de acordo com a Lei da Harmonia. Toda a criação do Ser Maior é harmônica, e por isso é importante sempre observar para que todas as ações que realizarmos daqui em diante estejam alinhadas com essa lei.

Fomos abençoados por aquela senhora com muito amor, um amor que irradiava para toda a comunidade. Nos deixou ela, um enunciado muito importante: “Nunca devemos nos desesperar diante das dificuldades que surgem em nossas vidas, pois elas representam a oportunidade de praticarmos ações alinhadas à lei da harmonia. Com o tempo, ao cultivarmos essa prática, poderemos nos integrar ao Criador e participar do processo de criação de novos planetas”.

Bela Vista do Paraíso, 8 de fevereiro de 2026

Caetano Zaganini

